

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

**DANIELE NEVES DE MELO**

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER ITALIANA NOS TÍTULOS DO  
CADERNO DE CULTURA DO JORNAL *ON LINE LA REPUBBLICA*.

RIO DE JANEIRO  
2010

# **Livros Grátis**

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER ITALIANA NOS TÍTULOS DO  
CADERNO DE CULTURA DO JORNAL *ON LINE LA REPUBBLICA*.

Daniele Neves de Melo

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos – opção: Língua Italiana)

Orientador: Prof. Doutora Annita Gullo

Rio de Janeiro  
Março de 2010.

De Melo, Daniele Neves

A construção identitária da mulher italiana nos títulos do caderno de cultura do jornal *online La Repubblica*. / Daniele Neves de Melo. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras/ Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas, 2010. 116 f.

Orientadora: Annita Gullo.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras.

Referências bibliográficas: f. 88-93.

Anexos: f. 94-116.

1. Discurso. 2. Mídia. 3. Identidade feminina. I. Gullo, Annita. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Faculdade de Letras. III. A construção identitária da mulher italiana nos títulos do caderno de cultura do jornal *online La Repubblica*.

A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER ITALIANA NOS TÍTULOS DO  
CADERNO DE CULTURA DO JORNAL *ON LINE LA REPUBBLICA*.

Daniele Neves de Melo

Orientador: Professora Doutora Annita Gullo

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos – opção: Língua Italiana).

Examinada por:

---

Presidente, Prof. Doutora Annita Gullo – UFRJ

---

Profa. Doutora Claudia Fátima Moraes Martins – UFRJ

---

Profa. Doutora Maria Franca Zuccarello – UERJ

---

Profa. Doutora Maria Lizete dos Santos – UFRJ, Suplente

---

Profa. Doutora Opazia Chain Feres – UFF, Suplente

Rio de Janeiro

Março de 2010.

## **AGRADECIMENTOS**

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força, paz, tranquilidade e sabedoria para a realização e finalização deste estudo.

Aos meus pais, Fátima Aparecida e Severino Trajano, pelo eterno e incansável apoio nos momentos em que eu mais precisei deles; minha mãe por me abraçar nos meus momentos de angústia sem precisar dizer uma palavra e meu pai, mesmo ausente por conta de seu trabalho, sempre me dizendo sábias palavras para que eu nunca desistisse deste sonho.

Ao meu avô, Jair Petronilio por ter feito o papel de pai durante boa parte de minha vida.

À minha irmã Flávia e meu cunhado Cristiano por serem pessoas incríveis e a minha sobrinha Laryssa, pelo simples fato de existir.

À minha orientadora, Prof. Dr. Annita Gullo, com o seu jeito “mãe” de ser, me proporcionou através de sua sabedoria a ter calma, paciência e muitos ensinamentos desde a época da graduação, no curso de especialização e, finalmente, no curso de mestrado. Através de suas orientações pude desenvolver um bom trabalho de pesquisa neste curso.

À minha irmã e amiga Janaína da Silva por fazer parte da minha vida há mais de 18 anos e por estar comigo nos momentos em que eu mais precisei.

Ao meu grande amigo Thiago Simões, pelo seu companheirismo, por confiar em mim, pela sua amizade e pelos aconselhamentos no presente trabalho.

Aos meus grandes e queridos amigos, Ana Cristina Ribeiro, por ser um exemplo de superação, caráter e dignidade e Luiz Roberto Conegundes por ser um amigo para todos os momentos.

À CAPES, pela bolsa de mestrado, sem a qual o presente estudo não existiria.

A alguns professores muito especiais – Profa. Dra. Branca Falabella Fabrício, Profa. Dra. Cláudia Fátima Moraes Martins, Profa. Dra. Flora De Paoli Faria, Prof. Dr. Luiz Paulo da Moita Lopes, Profa. Dra. Maria Lizete dos Santos e Profa. Dra. Sonia Cristina Reis.

Aos diversos e grandes amigos que estiveram comigo nesta caminhada: Ana Paula Xavier, Claudio Franco, Cristiane Moreira, Flávia Teixeira, Fabíola, Janaína Marmo, Lisângela Lúcia, Marisa Ventura, Sabrina Azevedo, Rafaela Santoro e Valéria Maia.

Agradeço a todas as pessoas citadas anteriormente e peço desculpas se esqueci de citar algum nome importante. Sem o carinho e atenção de todos, a presente dissertação não existiria.

## RESUMO

### A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA DA MULHER ITALIANA NOS TÍTULOS DO CADERNO DE CULTURA DO JORNAL *ON LINE LA REPUBBLICA*.

Daniele Neves de Melo

Orientador: Professora Doutora Annita Gullo

Resumo da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos – opção: Língua Italiana)

A presente pesquisa tem como objetivo analisar títulos de artigos publicados no caderno de cultura do jornal italiano *online La Repubblica*. Meu foco é na construção da identidade feminina e o corpus utilizado para a análise consta de 11 títulos que contém a palavra “*donna*” e/ou “*donne*” (mulher / mulheres em italiano, respectivamente) selecionados no período compreendido entre janeiro de 2008 até agosto de 2009. Para abordar os títulos dos artigos selecionados, empreendendo uma análise crítica do discurso midiático segundo CHARAUDEAU, 2007 e baseado no conceito de identidades sociais defendido por MOITA LOPES, 2002. A análise mostra que 1) a identidade feminina é construída de forma complexa, fragmentada e contraditória, o que se relaciona diretamente com a epistemologia multicultural contemporânea; e 2) o discurso midiático pode funcionar como agente ideológico tanto para o reforço de crenças quanto para auxiliar o processo de ressignificação de sentidos.

PALAVRAS – CHAVES: Discurso, Mídia e Identidade feminina.

Rio de Janeiro  
Março de 2010

**ABSTRACT****THE CONSTRUCTION OF THE FEMALE IDENTITY IN THE TITLES OF THE CULTURE SECTION OF THE ON LINE NEWSPAPER *LA REPUBBLICA*.**

Daniele Neves de Melo

Orientador: Professora Doutora Annita Gullo

Abstract da Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Letras Neolatinas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos Neolatinos – opção: Língua Italiana)

The purpose of this research is to analyse headlines of articles published in the culture section of an online newspaper from Italy, named *La Repubblica*. My focus is on the construction of the female identity and the corpus analysed is composed of 11 headlines containing the word “*donna*” and/or “*donne*” (woman / women, in Italian, respectively). The headlines were selected from January, 2008 to August, 2009. I perform a critical discourse analysis according to CHARAUDEAU, 2007, and I also make use of the concept of social identities, inspired by MOITA LOPES, 2002. The analysis shows that 1) female identity is constructed in a complex, fragmented and contradictory way, what specifically relates to the contemporary multicultural epistemology; and 2) media discourse may both act as an ideological agent for the reinforcement of beliefs as well as help creating new meanings.

**KEYWORDS:** Discourse, Media, Female identity.

Rio de Janeiro  
Março de 2010

## SUMÁRIO

1 – Introdução.....	10
2 – Caminhos discursivos.....	17
2.1 – Cultura a partir de uma perspectiva discursiva.....	21
2.2 – Ideologia e ética.....	25
3 – O discurso midiático.....	29
3.1 – Informação, discurso e mídia.....	35
3.2 – A mídia na construção do discurso e das identidades sociais.....	41
4 – Metodologia e contexto de pesquisa.....	51
5 – Análise dos dados.....	63
6 – Conclusão.....	83
7 – Referências bibliográficas.....	88
Anexo I – Os títulos.....	94
Anexo II – Os títulos com as matérias na íntegra.....	95

## 1 – Introdução

Desequilíbrio, oposição, diferenças e mudanças são palavras que estão cada vez mais presentes na contemporaneidade. Vivemos em um mundo no qual os conceitos sedimentados da modernidade, que prescreviam a fixidez como palavra de ordem para a orientação dos estilos de vida, finalmente podem ser questionados. Mais do que isso, a imutabilidade hoje é um fenômeno que pode ser colocado em xeque, questionado e desafiado.

O fato é que os “novos e aperfeiçoados sólidos” (BAUMAN, 2000, p. 9) almejados pelo manifesto comunista não mantiveram-se tão sólidos quanto o desejado pelos que escreveram tal manifesto. O mundo contemporâneo é o mundo da liquidez e da fragmentação identitária (MOITA LOPES, 2002), da quebra de paradigmas e da instauração de novos modos de vida. Novas regras e novos sujeitos ocupam hoje um novo lugar numa modernidade plural e diversificada.

Obviamente, a *possibilidade* de mudança não é um fenômeno que surgiu na contemporaneidade de forma a-histórica (fora da história e fora do contexto social). Para que tal possibilidade possa ser encarada como um ideal válido e desejável no mundo contemporâneo, foi preciso passarmos por momentos históricos de luta, resistência e questionamentos por parte dos

grupos minoritários. Assim, o contato com as alteridades nem sempre ocorre de forma pacífica; mudanças são constantemente questionadas, pois tudo que é novo, diferente pode gerar desconforto àqueles indivíduos que vêem o novo como uma desestruturação de suas crenças e seus valores.

Não obstante, é justamente a *possibilidade* de mudanças que norteia o mundo contemporâneo. Podemos dizer que hoje em dia vivemos em um mundo que é marcado pela pluralidade e pelas diferenças. Vivemos, portanto, num mundo multicultural. Segundo Semprini (1999), o “multiculturalismo é um poderoso movimento de ideias, alimentado por um corpus teórico e de legitimação intelectual”. Por ser um *movimento* de idéias, a epistemologia multicultural nunca é fechada e nunca se encerra em si mesma. No entanto, a mera possibilidade de vislumbrar novas ideias e conceitos faz com que a epistemologia multicultural seja útil enquanto ferramenta para tentar dar conta do mundo contemporâneo.

Portanto, o multiculturalismo surge para desconstruir a visão essencialista praticada pela epistemologia monocultural porque a disposição multicultural “apoia-se sobre uma mudança de paradigma, ela invoca a instabilidade, a mistura, a relatividade como fundamentos de seu pensamento” (op. cit., p. 89). A perspectiva multicultural, através do reconhecimento da pluralidade e da diferença, movimenta diferentes visões de mundo acerca de

fenômenos antes encarados como naturalizados, como a questão do gênero, raça e sexualidade, por exemplo.

No que concerne o presente estudo, a epistemologia multicultural é de extrema importância para iniciarmos um processo de compreensão em relação à figura feminina. Em especial, meu foco nesse trabalho é na forma como a mulher pode ser construída na mídia italiana contemporânea, atentando especialmente para as relações de gênero que são traçadas por um jornal *online* em títulos que carregam a palavra “mulher” e/ou “mulheres” (*donna / donne* em italiano, respectivamente).

O tema da Dissertação é a construção identitária do feminino no jornal *La Repubblica*, a partir dos títulos apresentados no caderno de cultura no período compreendido entre janeiro de 2008 até agosto de 2009, baseado no conceito de identidades sociais (MOITA LOPES, 2002) e das noções de informação, discurso e mídia de Charaudeau (2007). A escolha por analisar um evento midiático se deve graças à ubiquidade da mídia no mundo contemporâneo.

Vivemos num mundo onde a profusão dos discursos apresentados na mídia pode causar desestabilização e pode nos fazer empreender uma revisão de conceitos sociais, econômicos e causas sociais que ganharão espaços nas nossas práticas diárias. Da mesma forma, o discurso midiático pode legitimar

determinadas visões de mundo e formas de vida, fazendo com que alguns atores sociais respondam ao acentuado processo de mudança contemporâneo de forma fundamentalista e lancem mão de diversos estereótipos históricos para legitimar/refutar determinados grupos sociais.

A escolha por tematizar a figura feminina é tanto política quanto pessoal. A construção da identidade feminina é foco de interesses de diversos estudos teóricos na contemporaneidade, graças à proeminência da questão discursiva no mundo contemporâneo, como será tratado nos capítulos 2 e 3 desta Dissertação. Como mulher, presenciei em minha história de vida diversas ocasiões nas quais o meu corpo foi ideologicamente capturado no discurso dos outros e lançado em meio a estereótipos de gênero que me subjugavam enquanto mulher e ecoavam crenças muitas vezes machistas. Morei por um período na Itália e percebi, durante minha estadia, que era constantemente escrutinada pelo olhar dos outros enquanto estrangeira e enquanto mulher brasileira.

A partir desta experiência na Itália, passei a interessar-me pela questão do gênero na sociedade italiana. Com essa pesquisa, buscarei compreender como a identidade feminina pode ser construída a partir dos títulos apresentados no caderno de cultura do jornal *La Repubblica*, jornal que lia

regularmente durante minha estadia na Itália e, mesmo quando regresssei ao Brasil, continuei acompanhando diariamente sua versão *online*.

Como todo evento de leitura, a escolha de signos linguísticos presentes nos títulos do *corpus* escolhido para a presente pesquisa estabelece uma relação entre o código emitido pelo referido jornal e a mensagem recebida pelo leitor; assim sendo, as teorias apresentadas neste estudo buscarão compreender não apenas *o que* é veiculado no jornal e *como* é veiculado, mas também *quais efeitos de sentido* podem ser construídos no que se refere à construção da identidade feminina no contexto mencionado.

Partindo deste pressuposto, meu objetivo geral com esta Dissertação é criar inteligibilidade sobre o processo de construção identitária feminina nos títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica*. Assim, minha principal questão de pesquisa é: como o jornal *La Repubblica* constrói discursivamente nos títulos do caderno de cultura a figura feminina e quais são as implicações éticas das construções empreendidas pelo periódico?

Para responder a essa questão, espero desenvolver um trabalho que seguirá principalmente os seguintes passos: 1) investigar o processo de construção identitária feminina italiana através das noções de informação, discurso e mídia proposto por Charaudeau (2007); 2) averiguar a questão do conceito de identidades sociais e gênero com base no discurso midiático e 3)

relacionar e analisar os títulos dos cadernos de cultura do referido jornal no período de janeiro de 2008 até agosto de 2009.

O trabalho está dividido da seguinte forma. No capítulo 2, apresento uma noção inicial de discurso, explicitando que compreendo o termo enquanto linguagem em *ação* no mundo social. Ainda neste capítulo, discuto também as noções de cultura e ideologia que orientaram o desenvolvimento deste estudo.

O capítulo 3 apresenta ao leitor a visão de mídia que norteará o processo de análise dos dados com base na proposta de Charaudeau (2007) para o desenvolvimento de uma análise do discurso midiático, atentando especialmente para a relação entre discurso, mídia e informação. Apresento também o conceito de identidades sociais, com especial atenção para a questão do gênero, uma vez que este trabalho tem como foco a construção da identidade feminina. O objetivo do capítulo é apresentar uma reflexão e revisão teórica sobre o conceito de identidades sociais à luz dos temas discutidos na análise dos dados.

O capítulo 4 trata da metodologia e contexto de pesquisa que foi adotada. Neste capítulo, discuto a motivação, importância social da pesquisa e o processo de geração de dados.

No capítulo 5 empreendo a análise dos dados, retomando a orientação teórica discutida nos capítulos anteriores e relacionando-a com os dados gerados.

O capítulo 6 contém as palavras finais, quando me despeço do leitor e aponto possíveis encaminhamentos para essa pesquisa.

A seguir, apresento ao leitor, então, a visão de discurso que defendo neste trabalho, de acordo com o arcabouço teórico ao qual tive acesso.

## 2 – Caminhos discursivos

Os estudos sobre a linguagem apresentam as mais diversas concepções sobre linguagem e discurso. Nesse estudo, trabalharei com a noção de discurso como uma prática social (FAIRCLOUGH, 2001). Isso implica dizer que a noção de linguagem a qual lanço mão aqui vai além da concepção de linguagem enquanto combinação estrutural de estruturas sintáticas. Esclareço, no entanto, que não desconsidero a importância da organização sistêmica para o processo de construção de significados.

É certo que a linguagem é dotada de regras organizacionais que prescrevem certos usos considerados corretos em detrimento de outros. Não fosse assim, toda linguagem seria caótica e o processo de construção de sentidos ficaria altamente prejudicado. Esclareço que compreendo a importância da organização estrutural da linguagem para orientar este processo e de forma alguma desconsidero o sistema linguístico – nos níveis sintático, morfológico, fonológico, pragmático, semântico etc. – como princípio norteador deste processo.

No entanto, compreendo que a linguagem vai além dessas estruturas. A organização sistêmica é apenas uma parte da linguagem. Toda linguagem é usada em um determinado contexto, por determinados atores sociais em

determinados momentos históricos. Toda linguagem, assim, mais do que organização estrutural sistêmica, é uma forma de ação no mundo social.

Isso implica dizer que a longa tradição estruturalista, que veio à tona nos estudos de linguagem de forma mais proeminente com os trabalhos de Saussure, atingiu um ponto de saturação no mundo contemporâneo. Isso só foi possível graças ao trabalho de pensadores como Michel Foucault, que procurou em sua obra compreender a linguagem como instrumento ideológico, um acontecimento do campo do saber que gera poder e produz subjetividades (FOUCAULT, [1979]1999).

Tal colocação notadamente entra em conflito com a teoria gerativista de Chomsky (1965), que considera a linguagem de forma abstrata, chegando a considerar os termos “falantes ideais” e “comunidades ideais” (op. cit.). A importância do trabalho de Foucault é compreender que falantes ideais e comunidades ideais são conceitos que só podem existir a nível de abstração; a linguagem enquanto instrumento de ação ganha forma em contextos os mais diversos, sendo usada por diferentes falantes, com diferentes histórias de vida, espalhados pelas mais diversas partes do globo.

A noção de que a estrutura linguística é uma das formas de organização da linguagem é vital para o desenvolvimento deste estudo. Compreendo aqui que a linguagem é atravessada não apenas por regras estruturais que

prescrevem e organizam a linguagem em seu nível sistêmico, mas também que a linguagem é atravessada por questões sociais, históricas, políticas, culturais, econômicas etc. Assim, compreender a linguagem como ação significa colocar o foco do olhar no discurso.

É notável a importância do discurso no momento contemporâneo. Chegamos a um momento histórico ímpar no qual alguns pensadores chegam a dizer que nada de importante se faz sem discurso (SANTOS, 2000).

Como aponta Araújo (2004, p. 232 e 233),

“o discurso é (...) uma prática em meio a outras tantas práticas, formado com regras anônimas, históricas, determinadas no tempo e no espaço, que definem para uma dada época e para uma dada área social, econômica, geográfica ou lingüística, as condições de exercício da função enunciativa”. Desse modo, todo discurso é intertextual e não podemos analisá-lo isoladamente.

O discurso, assim, é ideológico, construtor da vida social e por ela construído. Segundo Fairclough (2001, p. 67), “o discurso enquanto prática ideológica constitui, naturaliza, sustenta e modifica significados do mundo a partir de suas diferentes posições dentro de relações de poder”. Logo, podemos dizer que todo discurso engendra poder; porém segundo Foucault ([1979]1999), o poder não existe; existem sim práticas ou relações de poder. O que significa dizer que o poder é algo que se exerce, que se efetua, que funciona localmente.

Segundo Chouliaraki & Fairclough (1999), os momentos do discurso se encontram numa perspectiva dialética nas práticas sociais (poder, relações sociais, práticas materiais, momento institucional, crenças, valores e desejos), portanto, cada momento internaliza o outro e o discurso estaria presente em todos. Assim, a linguagem não pode ser estudada isoladamente nas relações sociais que ela ajuda a construir, ela é um elo comum entre todas as práticas.

Para Foucault, o discurso representa situações particularizadas, determina regras para o conhecimento e indica a definição para quem realmente somos nas relações interpessoais e de comportamento. Dessa forma, esta noção nos leva a estabelecer uma relação entre saber, poder e subjetividade, pois estes estão sempre imbricados nas práticas sociais.

Tais práticas remetem-nos a Semprini (1999, p. 84), numa visão epistemologicamente multicultural, quando este nos diz que

“a verdade só pode ser relativa, fundamentada numa história pessoal ou em convenções coletivas. [...] O julgamento só faz sentido no interior de uma configuração específica, mediatizada pela linguagem e dentro de uma formação discursiva.”.

Assim, não se podem postular conhecimentos universais porque os valores são relativos, as interpretações são intersubjetivas, a realidade é uma construção e o conhecimento é um fato político e posicionado porque atende a interesses específicos. Os discursos são práticas que formam os objetos sobre os quais se falam as práticas construtoras do saber. Nesse caso, não existem *a*

*priori* porque eles são construídos socialmente e culturalmente como uma prática central na construção das identidades sociais.

Cabe destacar aqui, o que compreendo como uma dualidade discursiva: compreendo que o discurso constrói a realidade social, mas também é por ela constituída. Em outras palavras, o discurso mais do que exteriorizar pensamentos ou nomear objetos, constrói tais objetos; o uso que os atores sociais fazem do discurso, no entanto, estão relacionados com o contexto histórico, social e cultural os quais esses atores sociais habitam. Dessa forma, considero importante destacar a relação entre discurso e cultura, o que farei a seguir.

## **2.1 – Cultura a partir de uma perspectiva discursiva**

Antes de estabelecer a noção entre discurso e cultura, esclareço aqui que compreendo que a cultura socializa os indivíduos porque ela é fruto de uma aquisição cognitiva constituída nas práticas sociais e constituída pela experiência cultural em uma sociedade na qual o sujeito se encontra exposto.

Segundo Geertz (1989), cultura é um fenômeno público, desenvolvendo-se em um determinado contexto. Nesse contexto, os atores sociais lançam mão de determinados símbolos que contribuirão para a

compreensão do sistema organizacional de uma determinada cultura. Cabe ao pesquisador das ciências humanas buscar um compromisso ético em seu trabalho para que esses símbolos possam ser traçados com densidade.

Para Geertz (op. cit.), a cultura deve ser sempre contextualizada, vista como um guia de comportamentos de um determinado grupo de indivíduos. O evento de analisar os discursos que compõem um determinado contexto cultural deve ser compreendido não como puramente científico, e sim interpretativo, pois são nas diferentes culturas que se constroem os diferentes discursos.

Para Costa (2000, p. 32), “as sociedades e culturas em que vivemos, são dirigidas por poderosas ordens discursivas que regem o que deve ser dito e o que deve ser calado e os próprios sujeitos não estão isentos desses efeitos”. Cada sociedade constitui sua própria cultura através da sua linguagem, dos seus discursos, das suas imagens e suas produções de acordo com a sua realidade; logo, podemos dizer que cada sociedade cria/produz a sua própria identidade cultural. Portanto, não podemos apenas problematizar as questões de ordem discursiva sob perspectivas de saberes estéticos, intelectuais e espirituais, mas sim como essas questões são concebidas a tudo que está associado a ela, como, por exemplo, as culturas e as diferentes formas construídas de ver e representar o mundo.

Segundo Hall (1998, p. 50 e 51),

“uma cultura nacional é um *discurso* – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos. As culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre a ‘nação’, sentidos com os quais podemos nos *identificar*, constroem identidades”.

Desse modo, criam-se relações discursivas de saber-poder, o que nos leva a compreender que a cultura pode ser entendida como um grande espaço de discussões para encontrar respostas para questionamentos de ordem discursiva. Para o mesmo autor (op. cit.), deveríamos pensar a cultura como “um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade. Elas são atravessadas por profundas divisões e diferenças, sendo ‘unificadas’ apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural” (op. cit.).

Assim, buscamos definições para os questionamentos que estão implicados nos discursos e tais questionamentos nos levam a uma procura incansável por respostas de verdadeiras significações, pois é nas culturas que se desenvolve o discurso, que funciona como ‘ferramenta’ para a comunicação entre os atores sociais.

Retomando a noção de cultura defendida por Geertz (1989), compreendemos a cultura como um objeto essencialmente semiótico, apoiando-se em “teias de significado que o próprio homem teceu” (op. cit., p.

4). Tal noção é especialmente importante por conceber cultura como um entremeamento de significados que são construídos por um grupo específico de atores sociais. Assim, a cultura pode ser compreendida como um objeto essencialmente *discursivo*, pois é construído através da interação social de diversos indivíduos em uma dada comunidade.

Nesse sentido, toda cultura carrega consigo determinadas vozes e discursos que constroem, ecoam e legitimam determinadas crenças e ideias. A cultura como objeto discursivo é, então, também ideológica. E se a cultura é um objeto discursivo, podemos compreender que *todo* discurso é ideológico. Todo discurso é formado a partir de combinações de estruturas sintáticas, semânticas e pragmáticas, por exemplo, mas também é investido por ideias, crenças e visões de mundo que são específicas de uma dada cultura.

Em tempos de globalização, o contato entre diferentes indivíduos, diferentes culturas e diferentes discursos causa uma ebulição de ideias e conceitos; tal contato pode ser exacerbado através da mídia, que alcança os mais diversos pontos no globo.

Sabe-se que o discurso midiático, como todo discurso, é ideológico. No entanto, o conceito de ideologia é polissêmico, admitindo diversas formas de compreensão. Explicitarei, então, na próxima seção, o conceito de ideologia

que orientou o desenvolvimento deste estudo, a partir do trabalho de Fairclough (2001).

## **2.2 – Ideologia e ética**

Ideologia é um termo polissêmico que aceita diversos tipos de compreensões teóricas. A fim de restringir as possibilidades de interpretação do termo, decidi nortear o conceito de ideologia que adotarei ao analisar os dados de acordo com Fairclough (2001).

De acordo com o autor,

“as ideologias são significações/construções da realidade (o mundo físico, as relações sociais, as identidades sociais) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas discursivas e que contribuem para a produção, a reprodução e a transformação das relações de dominação” (op. cit., p. 117).

Nesse sentido, não existe uma ideologia que possa ser considerada certa ou mais verdadeira em detrimento de outra; existem diferentes ideologias coexistindo em um mesmo (ou em vários) espaços discursivos, que são movimentadas pelos atores sociais nas práticas cotidianas. Assim, as diferentes ideologias servem a diferentes propósitos em diferentes espaços discursivos. Todo discurso, assim, é ideológico, no sentido de que engendra

diferentes posicionamentos discursivos de acordo com as crenças e visões de mundos do(s) produtor (es) deste discurso e dos interlocutores.

Pensar o discurso da mídia de acordo com essa concepção de ideologia implica avaliar também os posicionamentos éticos assumidos pelos produtores do discurso midiático e de que formas possíveis esse discurso pode ser interpretado, reconstruído e utilizado socialmente pelos interlocutores que o recebem.

No que se refere ao discurso midiático, lanço mão da noção de que o discurso midiático assume posição de dominação (cf. cap. 3, em especial seção 3.1), em consonância com as ideias de Charaudeau (2007). Assim, as ideologias que são construídas e fabricadas no discurso midiático servem diretamente aos interesses dos produtores das formas simbólicas mediadas e constroem – por meio do discurso – crenças e visões de mundo específicas, bem como perpassa o conceito de identidades sociais (cf. cap 3.2).

Ao construir identidades sociais por meio de uma prática discursiva, a mídia assume papel social de extrema relevância no mundo contemporâneo, especialmente quando consideramos o alcance global que podem assumir os produtos simbólicos mediados no mundo contemporâneo. Se o discurso midiático, como qualquer discurso, é ideologicamente marcado, o compromisso ético de uma pesquisa que se compromete em analisar

criticamente esse discurso, como é o caso da presente pesquisa, deve ser assumido pelo pesquisador como pilar central na orientação do desenvolvimento do estudo crítico.

Assim, ecoando o discurso de Rajagopalan (2003), compreendo que

“a consciência crítica começa quando se dá conta do fato de que é intervindo na linguagem que se faz valer suas reivindicações e suas aspirações políticas. Em outras palavras, toma-se consciência de que trabalhar com a linguagem é necessariamente agir politicamente, com toda a responsabilidade ética que isso acarreta” (op. cit., p. 125).

Dessa forma, compreendo a responsabilidade ética, política e social do meu trabalho como pesquisadora, pois trabalho diretamente com a linguagem e reconheço que meu discurso não é isento de ideologias; pelo contrário, é plenamente investido de construções ideológicas, como qualquer discurso. No contexto de minha pesquisa, quando atuo como leitora dos títulos analisados, trago comigo uma história de vida que não pode ser rechaçada em favor de qualquer tipo de (falsa) neutralidade ou objetividade.

Em outras palavras, não produzo essa pesquisa em um vácuo social, portanto estou ciente de que minha voz enquanto mulher se faz ouvir juntamente com minha voz enquanto pesquisadora. Compreender a pesquisa a partir deste ponto de vista da mulher e pesquisadora significa assumir um

compromisso ético com o leitor e valorizar essa perspectiva enquanto peça fundamental para a elaboração do presente estudo.

Meu discurso aqui – repito, como todo discurso – é ideológico. Ao analisar o discurso midiático, lanço mão também de minhas crenças e visões de mundo durante todo o processo, seja na escolha e categorização dos dados como também na conclusão. Não obstante, faço questão de assegurar um compromisso ético com a atividade de pesquisa, e, portanto irei me fundamentar em pilares teóricos e metodológicos específicos para empreender a pesquisa.

A seguir, apresento um desses pilares, quando mostro a visão que tenho sobre mídia, à luz do trabalho teórico dos autores que mencionarei.

### 3 – O discurso midiático

Thompson (1998) aponta que a invenção da imprensa trouxe impactos profundos para a sociedade europeia. Para que um indivíduo presenciasse um determinado acontecimento, ele não mais precisaria estar presente fisicamente no lugar em que o acontecimento ocorreu. Tampouco dependeria de um falante vivo, dotado da capacidade de lembrar e recontar os acontecimentos.

O surgimento da imprensa fez com que presenciar um acontecimento fosse possível semanas, anos e até mesmo séculos depois. A expansão da imprensa propiciou a reprodutibilidade do texto escrito; isso fez com que pudesse se estabelecer certo grau de padronização lingüística nas diferentes localidades da Europa, uma vez que não mais os atores sociais estavam limitados a recorrer a textos escritos à mão.

Se por vários séculos a sociedade já conhecia a arte da escrita, o desenvolvimento da imprensa fez com que a escrita alcançasse um número maior de pessoas, em um tempo menor de produção, estendendo-se por períodos históricos cada vez maiores. No entanto, a compreensão de um texto escrito exige mais do que apenas a capacidade de *falar* um idioma; exige também a capacidade de *ler*, de decodificar estruturas sistêmicas ao mesmo tempo em que se cria inteligibilidade sobre *o que* está escrito.

Assim, não é de se estranhar que a popularização dos meios de comunicação na Itália só tenha ocorrido, de fato, em 1924 através do rádio, um meio de comunicação essencialmente oral, que não depende da habilidade de decodificação de sistemas linguísticos escritos. Depois, veio a transmissão televisiva em janeiro de 1954. A televisão mesclava a oralidade presente no rádio com a habilidade de leitura exigida para leitura de textos impressos.

Não obstante, o papel social da televisão é único. Considerando que já existiam os jornais, o rádio e o cinema, a função linguística da televisão na Itália foi de grande importância para uma difusão de uma língua unificada em uma sociedade dividida do ponto de vista cultural, social e linguístico (MARAZZINI, 1994). Com a popularização de um sistema linguístico nacional, unificado, e com a expansão do ensino linguístico formal, por meio das escolas, a habilidade de leitura no fim do século XX passou a assumir papel de extrema importância.

Os jornais tiveram uma importante função através da sua linguagem, pois conseguem penetrar, reproduzir e transformar os modelos coletivos e as imagens da própria sociedade. Assim, o jornal pode ser considerado um valioso instrumento para melhorar a capacidade de compreender as transformações identitárias da mulher italiana através dos anos.

O século XX foi de fundamental importância para a construção identitária da mulher italiana na busca pelos seus direitos civis, políticos e sociais. Porém, foi um caminho difícil e não linear. Para Sabbatucci e Vidotto (1999), as mulheres foram protagonistas de profundas mudanças de mentalidade, um sinal grandioso e muito claro no que diz respeito a comportamentos sociais tradicionais. É importante considerarmos, então, a forma como a mídia constrói a identidade feminina através de seu discurso.

Considero que o discurso midiático pode ser compreendido de forma dual. Por um lado, os discursos produzidos na mídia são cada vez mais tecnologizados e podem apresentar-se perigosamente como a expressão única da verdade, ou seja, como regimes de verdade, numa perspectiva Foucaultiana. Alguns discursos estão disponíveis para a identificação do ser social como se fossem “kits sociais”; isso significa que os discursos oferecidos pela mídia engendram certas construções identitárias específicas, utilizadas em larga escala nas performances identitárias cotidianas (FABRÍCIO, 2004).

Por outro lado, paradoxalmente, a profusão dos discursos apresentados na mídia pode causar desestabilização e pode nos fazer empreender uma revisão de conceitos sociais, econômicos e causas sociais que ganharão espaços nas nossas práticas diárias. Assim, essa dualidade da mídia é um fenômeno que merece nossa atenção por funcionar como uma via de mão

dupla – a mídia elege, legitima e refuta determinadas identidades em detrimento de outras.

Assim, o discurso midiático nas diferentes formas de semiose é um elemento fundamental na contemporaneidade. Compreender quais são os efeitos de sentidos que os discursos midiáticos engendram nas nossas práticas sociais é especialmente importante, dado o foco de atenção do presente estudo. Tudo isso perpassa a linguagem e, portanto, uma análise crítica far-se-á necessária no processo de compreensão das ideologias que atravessam o discurso midiático.

Como apresentei no capítulo anterior, compreendo o discurso mais do que mera combinação de estruturas sistêmicas; compreendo o discurso como uma manifestação da linguagem, usada *ideologicamente* no mundo social. No entanto, para a análise de dados, reforço que contemplo também a estrutura sistêmica – sintática, morfológica e semântica – da língua italiana; meu foco, no entanto, está nas construções ideológicas que são feitas com o idioma e os efeitos de sentido que podem ser atribuídos às construções linguísticas. Assim, o sistema da língua serve a um propósito que vai além da pura análise estrutural, atravessando também a questão ideológica e as relações de poder construídas discursivamente.

Retomando as palavras de Fairclough (2001) o discurso é ideológico. E isto não poderia deixar de ser o contrário, da mesma forma, com o discurso midiático. O discurso veiculado pelos mais diferentes meios de comunicação obedece a diferentes interesses, movimentados pelas diversas agendas ideológicas específicas dos produtores de mídia. O que Thompson (1998) chama de mídia de massa opera numa via de mão dupla: enquanto transforma subjetividades em uma espécie de unidade, ou seja, *massifica* corpos, pessoas e identidades, ao mesmo tempo atinge uma pluralidade de atores sociais que nem sempre encaram o discurso midiático da mesma forma.

Daí a importância em analisar criticamente o discurso da mídia, como será feito nesse trabalho, a fim de verificar quais estratégias linguístico-discursivas são utilizadas pelos produtores dos materiais simbólicos midiáticos para construir a identidade feminina na mídia italiana. O discurso midiático pode tanto massificar a categoria social mulher, servindo perigosamente a interesses ideológicos específicos, quanto oferecer um olhar plural e multicultural ao feminino, reconhecendo as diferenças e até mesmo celebrando tais diferenças.

Não obstante, a escolha por analisar o jornal *La Repubblica* não foi uma escolha neutra. Como aponta Cardoso (2001), o jornalismo fala ao mundo, fala do mundo e fala no mundo. Por falar *ao* mundo, atinge uma pluralidade

de receptores das mais diversas partes do planeta; por falar *do* mundo, movimenta uma agenda ideológica pautada pelas crenças e visões de mundo específicas dos produtores dos materiais simbólicos que são veiculados pelo jornal; e por falar *no* mundo, mostra que considera a pluralidade de receptores que farão uso dos materiais simbólicos ali veiculados.

Os discursos veiculados pela mídia não são neutros. De fato, nenhum discurso ou enunciado é neutro; como aponta Cardoso (2001), o enunciado não é uma frase ou um aglomerado de frases, mas um conjunto de ideias que, em contexto, dão sentido ao discurso. Destaco aqui a importância do termo *ideias*: as ideias veiculadas em um determinado discurso nunca são fixas e estão sempre sujeitas ao escrutínio, à interpretação dos outros. Não obstante, ideias carregam consigo determinadas crenças e visões de mundo, podendo carregar ainda determinados estereótipos e conceitos cristalizados sobre um determinado grupo social.

Para guiar-me no processo de análise de dados, seguirei as orientações de Charaudeau (2007); discutirei na próxima seção a forma como o autor aborda a questão da informação e da mídia no mundo contemporâneo, destacando a importância e os objetivos da análise crítica do discurso midiático.

### 3.1 – Informação, discurso e mídia

Charaudeau (2007) afirma que na modernidade, as palavras que são de ordem do discurso são informação, comunicação e mídias. Estas, por sua vez, encontram-se cada vez mais na moda e passam a laborar como símbolo, expectativas para que haja num domínio público um poder inteligível, porém, na maioria das vezes este domínio acarreta numa desordem, ou seja, a falta de discernir fenômenos, distinção entre as formas empregadas e o déficit na justificação<sup>1</sup>.

Num primeiro plano essas questões são tratadas através da “informação” e da “comunicação”, pois remetem a fenômenos sociais. As mídias têm como suporte organizacional noções para que possam ser integradas em diversas lógicas; no que concerne o presente estudo, é importante ressaltar que a lógica simbólica nos mostrará como os indivíduos se adequam as trocas sociais, uma vez que arquitetam as representações dos valores que estão presentes em suas práticas diárias. Dessa forma, teremos criação e manipulação de signos, que, conseqüentemente, produzirão sentidos e participarão da construção da opinião pública.

---

<sup>1</sup> Aqui, Charaudeau (2007) provavelmente se refere às várias possibilidades pragmáticas e semióticas de interpretação do discurso. Assim, o autor parece acreditar que o discurso midiático, em vez de promover uma espécie de consenso, pode ser interpretado de forma caótica pelos diferentes atores sociais em diferentes contextos.

Segundo Charaudeau (2007), fazer um estudo das mídias para avaliar o discurso de informação é uma tarefa bem complexa, pois, apesar de conceber que o discurso midiático engendra relações de poder, para o autor “as mídias não são uma instância de poder” (op. cit., p. 18). Tal noção vai contra a noção foucaultiana de poder, já apresentada neste estudo (cf. cap. 2), uma vez que é possível compreendermos, através de Foucault, que a mídia enquanto *instituição* concentra mecanismos de produção, manutenção e disseminação de relações de poder.

Para Charaudeau (2007) “as mídias constituem uma instância que não promulga nenhuma regra de comportamento, nenhuma norma, nenhuma sanção” (op. cit., p. 18). Neste estudo, apesar de usar a noção de discurso, mídia e informação defendida por Charaudeau, refuto a ideia de que a mídia não constrói regras de comportamento; pelo contrário, acredito que o discurso midiático pode construir determinados comportamentos sociais como mais válidos, mais desejáveis, colocá-los “na moda”. Concordo com Charaudeau (2007), no entanto, quando ele diz que o poder não se concentra em apenas um indivíduo, concentra-se sim no espaço no qual tal indivíduo se encontra e nele busca a sua força.

Na contemporaneidade, a partir do contínuo processo de globalização, é possível compreendermos que as mídias buscam dirigir-se a uma grande

quantidade de pessoas para despertar o interesse e uma determinada afetividade ao destinatário da informação, mesmo utilizando recursos ditos “clichês<sup>2</sup>” para conquistar o seu público. Os jogos de poder se desenvolvem no discurso, já que “a informação é essencialmente uma questão de linguagem, e a linguagem não é transparente ao mundo, ela apresenta sua própria opacidade através da qual se constrói uma visão, um sentido particular do mundo” (Charaudeau, 2007, p. 19).

Ao nos depararmos com um novo discurso, ou mesmo com um discurso já conhecido, buscamos, então, imagens que nos deixem mais confortáveis perante a informação com a qual nos deparamos; essas imagens são construídas de forma fragmentada num domínio público, e são adequadas aos desígnios das mídias, estando bem longe de ser, no entanto, um fiel reflexo de um espelho. Como já foi explicitado anteriormente, todo discurso é ideológico e *constrói* efeitos de sentido, não apenas reflete uma realidade *a priori*.

No entanto, o discurso midiático busca ser configurado e estruturado de forma intencional para chegar ao receptor da maneira mais ideal possível e produzir um efeito de sentido adequado a suas intenções e interpretações.

Segundo Charaudeau (2007):

---

<sup>2</sup> Nesse sentido, retomo Charaudeau (2007), quando este se apropria das palavras de Kundera (1986), explicando que “[os clichês] possuem todos a mesma visão de vida que se reflete na mesma ordem segundo a qual é composto o seu sumário, com as mesmas rubricas, as mesmas formas jornalísticas [...]”.

“o texto produzido é portador de “efeitos de sentidos possíveis”, que surgem dos efeitos visados pela instância de enunciação e dos efeitos produzidos pela instância de recepção. Com isso, toda análise de texto nada mais é do que a análise dos “possíveis interpretativos” (op. cit., p. 28)

Como foi explicitado no parágrafo anterior, podemos partir do pressuposto que as informações produzem efeitos de sentidos, e que buscam condições para um discurso real de representação neste mundo midiático, porém não podemos apresentá-las como verdades absolutas, pois ao acreditar que a linguagem é ideológica, acredito que os efeitos de sentido são construídos em vez de representados. Assim, o trabalho do pesquisador da linguagem é o de descrição, interpretação e promoção de um debate crítico, pautado pela ética, para que sejam criadas outras interpretações *possíveis* num debate social.

A informação é imprescindível em nossas vidas e presente na forma de representar a linguagem num âmbito social e humano. Compartilho da visão de que “a informação é, numa definição empírica mínima, a transmissão de um saber, com a ajuda de uma determinada linguagem, por alguém que o possui a alguém que se presume não possuí-lo” (CHARAUDEAU, 2007, p. 33). Tal definição desencadeará muitos questionamentos, mas qualquer que eles sejam girará sempre em torno da linguagem. Esta por sinal, não é apenas um mera aglomerado sistemas de signos internos voltados a uma língua, mas

também como sistema de comunicação organizado entre indivíduos nas suas particularidades.

Portanto, podemos tratar da linguagem como ato de discurso, “que aponta para a maneira pela qual se organiza a circulação da fala numa comunidade social ao produzir sentido.” (CHARAUDEAU, 2007, p. 33-34). Deste modo, podemos entender que informação demanda no processo de construção de um discurso e que, conseqüentemente, engendrará uma situação de comunicação. Julgo importante ressaltar, então, que não basta haver uma informação; precisamos ter acesso a ela, pois se não tivermos este acesso, não poderemos saber, não poderemos informar e principalmente, não poderemos codificar a mensagem que nos é transmitida.

Charaudeau (2007) compreende a informação como pura enunciação. Logo, ela construirá saber, que estará intrinsecamente ligado ao campo de conhecimentos e que o liga a uma situação de enunciação já inserida em um dispositivo que é posto em funcionamento. Mais uma vez questionamentos são colocados em questão, assim inúmeras possibilidades sobre os problemas de informar surgem, tais como: se a informação é pertinente, a sua veracidade, autenticidade, existência e possibilidade de tal fato ser verdadeiro ou não. Imediatamente, critérios devem ser desenvolvidos para selecionar as

informações em sua real totalidade com a finalidade de saber atingir o seu receptor, mostrando a pertinência dos fatos a ele mostrados.

Neste processo de construção da informação, a inteligibilidade será de fundamental importância para que a informação seja transmitida. Porém, esta não existe realmente em si, dependerá, portanto, das escolhas discursivas executadas pelo sujeito informador. E por que isto é discutido? Pois a linguagem midiática é repleta de estratégias, e assim podemos encontrar num mesmo enunciado nuances diversas ou com sentidos aproximados ou ainda ter vários valores diferentes ditos de forma explícita ou implícita, que pode, como resultado, não ser compreensível a todos.

A seguir, apontarei na próxima seção, uma reflexão sobre o conceito de identidades sociais através do discurso midiático.

### **3.2 – A mídia na construção do discurso e das identidades sociais**

Por muito tempo, determinadas identidades foram assumidas como hegemônicas e assumiram alto grau de estabilização no mundo social. O iluminismo trouxe consigo os questionamentos em relação a uma força superior e divina que ordenaria o pensamento humano; no entanto, o olhar da humanidade para si mesma iniciado com o pensamento iluminista demoraria séculos para alcançar a capacidade de concepção da diferença enquanto característica válida e desejável.

A diferença sempre foi concebida, desde a antiguidade clássica com os gregos (VEIGA NETO, 2002), como problemática. O conceito de identidade está estreitamente ligado à diferença, pois segundo Silva (2000) o indivíduo ao se construir discursivamente, constrói involuntariamente o discurso do outro como diferente, ou seja, o indivíduo endossa no outro aquilo que ele não é. O autor defende também que identidade e diferença são mutuamente determinadas e que devemos considerar a diferença como o processo em que ambas são produzidas, porém, questioná-las como relações de poder “significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam” (op. cit., p. 83).

Semprini (1999) afirma que a diferença é uma das questões essenciais no multiculturalismo. Diferença esta que pode ser sociológica e demográfica, mas também sendo uma categoria filosófica, assim gerando, tensões e resistências que podem ser analisadas sob diversas perspectivas na contemporaneidade, como: uma perspectiva sociopolítica pela redistribuição de poder, recursos econômicos, meios de produção e controle social, porém um modelo monocultural ainda é copiado, aplicado a diversos grupos e não está danificado na modernidade. Assumir o conceito de identidade a partir de uma perspectiva multiculturalista traz novos desafios sociais e políticos para um projeto moderno.

É justamente esse questionamento em relação às dicotomias e binarismos que constitui a principal preocupação da epistemologia multicultural. No mundo atual, percebemos que a diferença entre o “eu” e os “outros” vai muito além de pares binários ou percepções dicotômicas. O próprio conceito de “eu” pode ser visto como fragmentado, contraditório, complexo, múltiplo e plural (MOITA LOPES, 2002). A partir daí, podemos conceber o conceito de identidades *sociais*, pois podemos compreender que o “eu” não se encerra em si, está sempre em construção e a própria existência social coloca um indivíduo ao escrutínio e avaliação dos outros.

Acredito que as identidades sociais são construídas discursivamente durante as interações sociais. A construção das identidades sociais está sempre em processo, através de um constante reposicionamento. Portanto, nunca são fixas e estão sempre sujeitas a mudanças. De acordo com Fabrício & Moita Lopes (2004, p. 17), “há uma relação estreita entre nossas práticas discursivas, os regimes de verdade nos quais elas estão inseridas e o processo de construção identitária”.

Segundo Bauman (2005, p. 18 e 19),

“tornamo-nos conscientes de que o ‘pertencimento’ e a ‘identidade’ não têm solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o ‘pertencimento’ quanto para a ‘identidade’”.

Assim, podemos considerar que as identidades são transitórias e provisórias; podemos dizer que a identidade não pode ser caracterizada com durabilidade, pois ela estará numa condição eterna de ser frágil, provisória e inconclusa. Se antes as identidades eram vistas como objetos fixos e imutáveis, que seriam carregados por uma pessoa pelo resto da vida, na contemporaneidade concebemos as identidades como conceitos fluidos, fragmentados. Ser mulher, por exemplo, é apenas *parte* do processo de identificação de uma pessoa. E mesmo assim, não existe um sentido *único* do

que é ser mulher. A identidade de gênero é uma das facetas identitárias que compõem um determinado indivíduo, mas mesmo essa faceta não deve ser assumida como única, tampouco como imutável. Isso nos remete à colocação de Hall (1998, p. 38), quando este nos afirma que

“a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. Existe sempre algo “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade. Ela permanece sempre incompleta, está sempre “em processo”, sempre “sendo formada”.

Ao questionar a identidade na contemporaneidade, Fabrício (2004, p. 238) aponta que “o indivíduo contemporâneo é percebido como fragmentado e assolado por uma crise identitária”. Então, temos sujeitos devastados e em situações aflitivas pelo fato de julgarem as suas doutrinas e certezas estremecidas. As relações sociais são perpassadas por relações de poder; todo poder produz resistência e este seria um efeito em conjunto com a participação de todos. E na contemporaneidade a mídia tem um papel discursivo importante na (re)construção identitária destes novos “valores” nas práticas sociais, pois estamos constantemente expostos às diferenças, o que pode acabar nos levando à desestabilização.

A mídia contribui para a fortificação e equiparação de determinadas identidades, fornecendo base ideológica para a iniciação, consolidação e repetição de determinadas performances identitárias durante as práticas discursivas; ela pode favorecer tanto um contato mais veemente com as

diferenças, quanto o legitimar de certas identidades em detrimento de outras num caráter momentâneo, situacional e dinâmico. As identidades são produzidas através da possibilidade de repetição, o que acaba gerando um grau maior ou menor de estabilidade no que diz respeito como são reconhecidas e negociadas socialmente com os outros, uma vez que é na repetição que as identidades assumem efeitos de estabilidade e verdade (TADEU DA SILVA, 2000).

O papel da mídia, então, pode ser o de construir determinadas identidades como mais válidas, o que pode acabar criando conceitos estereotipados em relação à raça, gênero e sexualidade, por exemplo. Em especial, levando em consideração a história da figura da mulher nas mais diversas sociedades ao redor do mundo, são raros os momentos em que podemos encontrar figuras femininas como líderes, assumindo voz ativa nos processos de tomada de decisões.

No contexto específico da sociedade italiana, uma reflexão histórica nos leva a pensar que a figura da mulher representa a ideia de regeneração, de vida, de proteção, de maternidade universal e uma figura de extrema importância para a família, logo, ela será considerada um núcleo fundamental para a sua sociedade.

As etapas de emancipação feminina na Itália foram muitas, graças, de fato, a intensa vida cultural que sempre caracterizou este país. Como por exemplo, em 1889 fundou-se o primeiro sindicato feminino que defendia os direitos das tecelãs, em 1912 constituiu-se a União Nacional das mulheres socialistas, em 1945 nasce o Centro Feminino Italiano (CIF) que tem por objetivo obter a reconstrução da Pátria e a União das Mulheres Italianas (UDI) que teve por finalidade envolver ativamente as mulheres na vida do país, em 1950 impetraram a primeira lei que garantia o trabalho para a mãe trabalhadora e muitas outras conquistas não só nesta década, mas também nas décadas seguintes até os dias de hoje.

As mulheres italianas obtiveram muitas conquistas socioculturais e políticas<sup>3</sup>, no entanto, isto não significa dizer que este percurso esteja concluído. Os desafios de hoje são, talvez, mais difíceis porque ultrapassam o plano jurídico e dominam, ainda, a sociedade, a cultura e a mentalidade. Trata-se de trabalhar com as possibilidades oferecidas do mundo do trabalho, das atividades extradomésticas e também o de fazer os papéis de mãe e mulher.

Portanto, lendo sobre a história dos trabalhos femininos, se deve levar em conta, sempre, os trabalhos complexos que são desenvolvidos por estas mulheres em diversos âmbitos e na elevação de diversas tarefas, considerando

---

<sup>3</sup> O ingresso da mulher dentro dos partidos políticos surge, de fato, com o nascimento de dois grandes partidos de massa: socialista e católico.

o fato das muitas mudanças, progressos e regressos e as conquistas sociais e econômicas ao longo dos anos.

Hoje, mais do que no passado, as mulheres são chamadas a enfrentar novos desafios. A presença social das mulheres é indispensável para contribuir e fazer deflagrar as contradições de uma sociedade organizada quase que exclusivamente sob critérios de produtividade e os meios de comunicação contribuem grande mente para que isso possa acontecer.

Em comparação, observo que na sociedade brasileira, no senso comum, a figura da mulher é construída, por muitas vezes, através do uso de expressões estereotipadas, como “sexo frágil”, “piloto de fogão”, “do lar” ou expressões similarmente pejorativas ou que posicionam a mulher como subalterna ou subserviente. Isso não é de se estranhar, dado o silenciamento histórico da figura da mulher. Mais do que isso, há todo um processo histórico, mesmo se observarmos a nível global, que legitima os preconceitos e estereótipos em relação à figura feminina.

Como primeiro exemplo, podemos citar a comunidade científica e sua responsabilidade na construção pejorativa da figura feminina, como, por exemplo, o trabalho psiquiátrico de Freud ([1969]1997), que atrelou à mulher os conceitos de histerismo e descontrole. Como segundo exemplo, podemos citar as mais diversas formas de religião, desde a católica – que coloca a

mulher como responsável pela expulsão de Adão do paraíso – até a islâmica – que em alguns países obrigam as mulheres a esconderem seu corpo e seus rostos.

Isso não quer dizer que todas as formas de religião ou toda produção científica da história da humanidade necessariamente coloque a figura feminina em um papel subalterno e/ou pejorativo. No entanto, o processo de tomada de poder pelos grupos minoritários só ocorreu, de fato, recentemente, no fim do século XX. Não obstante, esse processo é de extrema importância; como aponta Simões (2009, p. 33) “as rupturas causadas pelos movimentos feministas, negros e LGBTs na segunda metade do século XX tiveram implicações profundas para o mundo contemporâneo”.

O próprio desenvolvimento deste trabalho não seria possível caso os movimentos de resistência não tivessem ganhado força em seus projetos de denúncia (e repudia) ao pensamento dominante, que prescrevia determinadas construções identitárias como mais válidas em relação a outras, como, por exemplo, a masculinidade sobre a feminilidade.

A capacidade de *ação* em relação ao processo de construção identitária tem impacto crucial na contemporaneidade. Se antes a identidade era um conceito fixo e imutável, hoje em dia, como aponta Bauman (2005), somos incessantemente obrigados a modificar e definir as nossas identidades, sem ser

permitido que nos fixemos a uma delas. O feitiço virou contra o feiticeiro: se antes a mudança era antes algo quase impensável, hoje a fixidez é que é repudiada.

Por fim, ressalto que a noção de identidade nacional tem um papel central no que diz respeito a formação e representação de uma cultura nacional. Acredito que a cultura representa de forma significativa a formação e a construção da identidade de um indivíduo em uma sociedade. Como apontei anteriormente (cf. seção 2.2), a cultura é um objeto discursivo e ecoa crenças e visões de mundo específicas.

Assim, levando em consideração o papel social e político do jornal *La Repubblica*, que alcança uma pluralidade de receptores não apenas na Itália, mas em contexto global, por meio de sua versão *online*, será importante observar, na análise, a forma como uma identidade nacional italiana é construída em relação à identidade feminina.

A principal preocupação que terei ao abordar essa questão diz respeito à forma como os produtores de mídia constroem a mulher como figura ativa (ou não) no cenário nacional. Dessa forma, algumas indagações a serem feitas incluem as seguintes perguntas na análise do *corpus* dessa pesquisa: 1) nos títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica* são conferidas

atribuições políticas às mulheres? ; 2) *como e por que* isso ocorre?; 3) qual é a posição da identidade feminina em comparação a uma identidade masculina?

Nesse cenário, o desenvolvimento de um estudo sobre gênero parece assumir importância política ímpar. O comprometimento que tenho como mulher e como pesquisadora são indissociáveis; produzir essa pesquisa é uma realização pessoal, acadêmica e, sobretudo, política. Na próxima seção, procurarei discutir de forma mais detalhada essa questão, apresentando também a metodologia utilizada para a análise, o contexto no qual se desenvolveu a pesquisa, bem como o processo de geração dos dados

#### 4 – Metodologia e contexto de pesquisa

Apesar da crescente importância de se analisar como as relações de gênero ocorrem atualmente na sociedade contemporânea, são poucas as pesquisas que se preocuparam, até hoje, em estudar este fenômeno. A presente pesquisa está pautada na área de Estudos Linguísticos Neolatinos com base no percurso da história midiática italiana com o objetivo de historicizar, analisar e compreender como a identidade feminina italiana pode ser construída a partir dos títulos apresentados no caderno de cultura do jornal *La Repubblica*.

Para comprovar essa hipótese, utilizo como principal suporte para a análise a noção de mídia, informação e discurso segundo Charaudeau (2007). O autor afirma que o universo de informação midiática não é um simples reflexo do que acontece no espaço público, mas sim um universo *construído*, a partir de uma linguagem racional, porém ao mesmo tempo sedutora para que possa alcançar o interesse do destinatário de informação.

Pautado nisso, meu objetivo aqui é criar inteligibilidade sobre o processo de construção identitária feminina nas manchetes do caderno de cultura do jornal *La Repubblica*. Minha principal questão de pesquisa é: como o jornal *La Repubblica* constrói discursivamente nos títulos do caderno de

cultura a figura feminina e quais são as implicações éticas das construções empreendidas pelo periódico?

Durante a análise de dados, procurarei observar também a questão da identidade nacional e como ela se relaciona com a construção de uma identidade feminina por parte do jornal *La Repubblica*. Assim, aparecem também como questionamentos para a pesquisa os seguintes temas: 1) nos títulos do jornal *La Repubblica* são conferidas atribuições políticas às mulheres?; 2) *como e por que* isso ocorre? e 3) qual é a posição da identidade feminina em comparação a uma identidade masculina?

A escolha por tematizar a figura feminina é tanto política quanto pessoal. A construção da identidade feminina é foco de interesses de diversos estudos teóricos na contemporaneidade, graças à profusão dos estudos sobre a questão discursiva no mundo contemporâneo.

Como mulher, presenciei em minha história de vida diversas ocasiões nas quais o meu corpo foi ideologicamente capturado no discurso dos outros e lançado em meio a estereótipos de gênero que me subjugavam enquanto mulher e ecoavam crenças muitas vezes machistas. Morei um período na Itália e percebi, durante minha estadia, que era constantemente escrutinada pelo olhar dos outros enquanto estrangeira e enquanto mulher.

Desta forma, passei a interessar-me pela questão do gênero na sociedade italiana. Lia regularmente o jornal *La Repubblica* durante minha estadia na Itália e, mesmo quando regressei ao Brasil, continuei acompanhando diariamente sua versão *online*. Observei, enquanto leitora, que as reportagens do jornal apresentavam visões ambíguas, contraditórias e fragmentadas sobre as mulheres. As matérias que lia deixavam-me cada vez mais inquieta quanto à temática que focalizavam e, assim, passei a selecionar alguns desses artigos para analisar mais profundamente.

Essas matérias servem-me aqui como dados de pesquisa, gerados durante os anos de 2008 e 2009. Procurei selecionar matérias que continham títulos com a palavra “mulher” e/ou “mulheres” (*donna / donne* em italiano, respectivamente). Observei, enquanto leitora, que as reportagens do jornal apresentavam visões ambíguas, contraditórias e fragmentadas em relação as mulheres. Os dados foram categorizados e dispostos na análise de acordo com a ordem cronológica de sua publicação no periódico *online*.

Após essa investigação empírica inicial, que realizei sem suporte acadêmico, optei, então, por procurar ajuda no meio acadêmico para melhor compreender não apenas *como* o jornal poderia construir a figura feminina, mas também *por que* o jornal escolhe e publica as matérias aqui analisadas e quais são os possíveis *efeitos* de sentido que podem ser construídos a partir do

contato com os títulos das matérias analisadas. Assim, ingressei no curso de Mestrado em Letras Neolatinas na Universidade Federal do Rio de Janeiro e tive contato direto com a atividade de pesquisa.

Realizo aqui uma pesquisa interpretativista de cunho etnográfico. O paradigma de pesquisa interpretativista é relativamente recente; alguns pesquisadores chamam a este paradigma de pós-modernistas (HOLMES, 1992), pois quebra com a tradição em pesquisa quantitativa que prescreve que os dados podem ser generalizados e quantificados. Aqui, minha principal preocupação enquanto pesquisadora é realizar uma pesquisa *localizada*, contextualizada e que procura descrever um contexto microssocial.

Tal paradigma de pesquisa apresenta diversos desafios ao pesquisador. Uma vez que considero a atividade de pesquisa como uma prática não-isenta e não-neutra, o trabalho por mim empreendido na presente dissertação obedece a uma agenda ética, priorizando uma descrição densa (GEERTZ, 1989) no sentido de buscar dar conta de práticas sociais desenvolvidas em um contexto social específico.

Como apontei anteriormente neste trabalho, nas culturas das quais fazem parte, os atores sociais lançam mão de determinados símbolos que contribuirão para a compreensão do sistema organizacional de uma determinada cultura. Cabe ao pesquisador das ciências humanas a busca por

um compromisso ético em seu trabalho para que esses símbolos possam ser traçados com densidade.

Por observar sujeitos falantes em práticas sociais localizadas sócio-historicamente, considero que a presente pesquisa, além de interpretativista, é de cunho etnográfico. Davies (1999), retomando as ideias de Gold (1958), diz que o trabalho etnográfico pode assumir um entre quatro papéis: “observador completo; observador como participante; participante como observador; ou participante completo” (Davies, 1999, p. 72, tradução minha). Considero que sou uma observadora completa; não participo diretamente do processo de produção das matérias e títulos, tampouco intervenho em algum momento.

Além disso, morei na Itália no período de agosto de 2006 até novembro de 2006, quando na ocasião fui convidada a fazer um curso de italiano naquele país. Durante o período que habitei na Itália, tive contato direto com a cultura italiana e me engajei no cotidiano da sociedade. O contato com a sociedade italiana contribuiu não apenas para a definição do tema deste projeto, mas também têm implicações profundas na forma como analiso os dados selecionados, uma vez que no meu convívio social na Itália me deparei com mulheres leitoras do jornal *La Repubblica* e pude, mesmo que minimamente, conversar com algumas delas sobre os temas tratados nesse jornal.

Assim, ressalto que minha atividade de observação diz respeito a uma prática social, sendo meu posicionamento como pesquisadora de vital importância para o processo de geração, categorização e também de análise dos dados. Em outras palavras, não apenas a atividade de observação que empreendo é uma prática social, mas também tal atividade é *avaliar* outras práticas sociais midiáticas. Dessa forma, mais do que mera descrição, empreendo aqui uma análise que de forma alguma pode ser considerada uma análise neutra ou isenta de responsabilidade – tanto social, quanto política e ética. Ainda, é uma atividade que procurei pautar pela ética e compromisso político com a atividade de pesquisa.

A análise teve como parâmetros norteadores as noções de informação, discurso e mídia, de acordo com Charaudeau (2007). No entanto, esses conceitos dão conta do nível social do texto.

Em todos os idiomas, as palavras carregam consigo conceitos específicos, no nível semântico, que são utilizados socialmente e adquirem sentidos distintos, em nível pragmático. Compreendo que discurso funciona tanto em nível macrossocial, como em nível microssocial, mas a função sistêmica da linguagem não deve ser desconsiderada.

Também o nível sistêmico da linguagem é amplo e pode ser compreendido através de diversas instâncias – fonética, fonologia, semiótica,

sintaxe etc. –, mas graças ao tempo hábil para a realização desta pesquisa, decidi concentrar meus esforços na análise nos níveis semântico e pragmático, focalizando a escolha lexical dos produtores dos títulos veiculados no jornal *La Repubblica*. Compreendo que as palavras ali utilizadas carregam sentidos que podem promover diferentes interpretações e construções sobre a identidade da mulher italiana.

Daí a importância em focarmos a análise nas escolhas lexicais dos produtores dos títulos do Caderno de Cultura do jornal *La Repubblica* se dá pelo fato de que a construção de sentidos é realizada, majoritariamente, a partir da compreensão que os atores sociais têm das palavras em jogo.

Tendo mostrado esses pontos, explicito a seguir, de forma mais detalha, o contexto no qual se desenvolveu esta pesquisa, empreendendo, depois, a análise dos dados selecionados.

## Contexto de pesquisa

Escolhi para análise desta pesquisa os títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica*, em sua versão online por se tratar de um dos jornais mais lidos na Itália e propiciar a comprovação da minha hipótese de pesquisa: como estes podem influenciar na construção identitária da mulher italiana.

O jornal *La Repubblica* foi fundado em 14 de janeiro de 1976, em Roma, através da iniciativa de Eugenio Scalfari<sup>4</sup> e uma aliança com Arnoldo Mondadori<sup>5</sup>. O quotidiano nasceu através da visão política de Pietro Nenni<sup>6</sup> e de Francesco De Martino<sup>7</sup> e da revista semanal de informação cultural “*il Mondo*”<sup>8</sup>.

Os fundadores optaram por fazer um jornal que tivesse em si, um espírito moderno e próprio dos semanais que, entre os anos 50 e 60, eram considerados “o grande laboratório” para uma ótima linguagem jornalística, feita de narrações rápidas, claras e com a mistura de literatura e jornalismo em sentido estreito.

---

<sup>4</sup> Jornalista, escritor e político italiano do partido socialista.

<sup>5</sup> Editor italiano.

<sup>6</sup> Jornalista e político italiano do partido socialista.

<sup>7</sup> Juiz, intelectual italiano, político italiano do partido socialista e é considerado um dos “pais” do socialismo italiano.

<sup>8</sup> Revista fundada em 1949 por Mario Pannunzio com o objetivo de realizar uma “terceira força liberal, democrática e laica”, capaz de se inserir como alternativa em dois grandes blocos: marxista e democristiano – estes nascidos na Itália nas eleições de 1948.

Assim, *La Repubblica* estava disposto a “fazer escola” no mundo do jornalismo. Buscou adotar, pela primeira vez na Itália um formato pequeno e simples, semelhante ao jornal francês *Le Monde* e aos tablóides ingleses.

O jornal *La Repubblica* teve os primeiros sucessos de vendas no ano de 1978, quando o então jornalista Piero Ottone deixou a direção do jornal *Corriere della Sera* para se tornar um dos grandes nomes do *La Repubblica*. O sucesso do jornal de Scalfari é atribuível também pelo fato de ter atingido muitos leitores democráticos de esquerda e comunistas com uma posição de absoluta firmeza nos confrontos do terrorismo italiano. Em 1996, Ezio Mauro<sup>9</sup> assume a direção do jornal italiano, e no mesmo ano foi lançado de forma experimental, por conta das eleições políticas, o site “Repubblica.it”.

Para o jornal, os títulos das manchetes eram de extrema importância para que estes pudessem ter a total atenção dos leitores, com isso era importante criar, antes de tudo, uma sugestão de imagem para o título, para depois levar a informação ao seu leitor. Portanto, o título se transforma seja no formato seja em seu léxico, sendo adotados os mais diferentes títulos, formatados com letras grandes para, enfim, capturar a atenção das pessoas; através desta inovação surge outra: como os títulos são maiores a extensão da notícia deveria ter um bom jogo de palavras, de recepção rápida e que

---

<sup>9</sup> Jornalista e atual diretor do Jornal *La Repubblica*.

causasse impacto, porém que tivesse também uma métrica própria, recitável e cantável.

O jornal *La Repubblica* é um dos jornais mais lidos na Itália tanto na sua forma impressa, quanto na sua forma *on line*, assim, pude observar também que o referido quotidiano considera de extrema importância os seus títulos desde os seus “primeiros anos de vida”. Podemos observar através da tabela abaixo que o referido jornal é um dos jornais mais acessados pela internet:

Visitatori unici mensili nel mese di novembre 2005 dei siti dei principali quotidiani italiani (per informazioni sulle procedure di rilevazione: [www.audiweb.it](http://www.audiweb.it))

SITO	VISITATORI UNICI MENSILI (report censuario)	VISITATORI UNICI MENSILI (indagine panel)
Repubblica.it	5.136.926	2.736.000
Corriere.it	4.623.820	2.735.000
Gazzetta.it	2.515.306	1.394.000
Ilsole24ore.com	1.181.734	1.081.000
Quotidiano.net	717.185	608.000
Lastampa.it	Non disponibile	324.000
Unita.it	Non disponibile	270.000
Quotidianiespresso.it	294.532	232.000

10

<sup>10</sup> Esta tabela foi consultada através do site: [www.giornali.it](http://www.giornali.it)

Esta tabela é referente ao período de 2005, mas podemos observar através de uma outra tabela mais recente (2008), que o jornal *La Repubblica* continua a liderar as estatísticas:

Siti web quotidiani	Dati giorno medio	
	Utenti unici (000)	Pagine viste (000)
La Repubblica	1.114	13.967
Corriere della Sera	898	10.249
La Gazzetta dello Sport	550	4.715
Il Sole 24 Ore	297	1.794
Editrice La Stampa	174	1.584
Corriere dello sport	118	1.253
Quotidiani Espresso	73	458
Tuttosport	54	431
Quotidiano.net	61	290
L'Unità Online	56	280
Il Secolo XIX	28	180
La Sicilia.it	26	163
Gazzetta di Parma	25	115
Il Resto del Carlino	30	111
Unione Sarda	21	96
La Gazzetta del Mezzogiorno	11	70
Il Tempo	28	66
La Nazione	17	55
Gazzetta del Sud	5	34
Il Giorno	11	26
Sicilia Online	7	26
<b>Totale</b>	<b>3.604</b>	<b>35.963</b>

Então, busquei através de seus cadernos quais procuravam abordar a palavra *mulher* e/ou *mulheres* (*donna* ou *donne* em italiano respectivamente)

<sup>11</sup> Fonte: Audioweb powered by Nielsen Online, novembre 2008/ [www.fieg.it](http://www.fieg.it)

num determinado período (entre janeiro de 2008 até agosto de 2009), logo, pude perceber que o caderno de cultura abordou muito mais vezes tal vocabulário que os outros cadernos do jornal no período pesquisado.

Desta forma, procurei desenvolver a pesquisa através dos teóricos citados, e assim, tendo esclarecido o contexto de pesquisa, apresento, a seguir, a análise dos dados.

## 5– Análise dos dados

Neste capítulo buscarei responder a minha pergunta de pesquisa que é: como os títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica* pode construir discursivamente a figura feminina e quais são as implicações éticas das construções empreendidas pelo periódico? Então, para responder a esta pergunta utilizarei a base teórica já apresentada.

Embora o meu foco de pesquisa esteja nos títulos, mencionarei também algumas informações sobre o texto corrido nas notícias. A fim de não confundir o leitor, deixo também disponível em anexo não só os títulos, mas também o texto corrido na íntegra.

Sabe-se que a função da linguagem frequentemente encontrada no texto jornalístico é a da informação. Mas além de informar, esse tipo de linguagem constrói um sentido, uma significação que ultrapassa a informação pura e simples.

Partindo desse pressuposto, a figura feminina, objeto desta análise, pode ser construída discursivamente através do periódico pelo fato desta linguagem jornalística ser considerada “livre” dos regulamentos do estilo tradicional de escrita, pois os jornais são um modelo linguístico de prestígio e segundo Gualdo (2007), “*La lingua dei giornali è più rapida della lingua letteraria ad*

*accogliere le ultime novità lessicali; è più libera dai condizionamenti della tradizione*”<sup>12</sup>

Segundo Dardano (1986), a linguagem jornalística tradicional privilegia o estilo nominal: “*La frequenza con cui tale struttura viene utilizzata dalla carta stampata consente di parlare addirittura di uno "stile nominale"*”<sup>13</sup> – e como podemos observar nos títulos analisados do caderno de cultura do *La Repubblica* – a maioria está condicionada ao estilo nominal porque dos onze títulos selecionados para esta pesquisa, apenas um está condicionado ao estilo verbal (“*Perché le donne non vincono mai*”) e os outros títulos estão condicionados ao estilo nominal (“*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e potere*”; “*Le donne dell’islam*”; “*Tutte le donne contro barbablù*”; “*Le donne svestite dell’Italia Déco*”; “*Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave*” e “*Le donne, i figli e il ruolo sociale*” “*Profumo di donne ‘L’Italia divisa tra madri e figlie*”; “*Il mondo salvato dalle donne*”; *La letteratura salvata dalle donne*” e “*Le nostre biblioteche salvate dalle donne*”). Logo, a linguagem dos títulos jornalísticos, geralmente, é simples, imediata, e vale dizer que a sintaxe é frequentemente nominal e nestes títulos reforça a afirmação que a linguagem jornalística é simples e imediata.

---

<sup>12</sup> “A língua dos jornais é mais rápida para acolher as novidades lexicais que a literária; é mais livre de condicionamentos tradicionais.”

<sup>13</sup> “A frequência a qual tal estrutura vem utilizada na capa de um jornal permite falar, realmente, em um “estilo nominal””

Particularmente, encontramos nesses títulos uma predominância ao estilo nominal e esta tradição se deve ao fato do/da jornalista buscar ser sintético e reticente, porém com formas textuais breves, diretas ou até mesmo formas para simular o falar das pessoas, pois compreendo que toda linguagem é dotada de regras organizacionais que preceituam certos usos corretos em detrimento dos outros (cf. p.15). Mas, compreendo também a noção de linguagem segundo Foucault (cf. p.16) para este estudo, ela pode ser considerada como um instrumento ideológico, um acontecimento no campo do saber e que gerará e produzirá poder e subjetividades.

Tal noção pode ser observada nos títulos *“Perché le donne non vincono mai”*, *“Tutte le donne contro barbablù”*, *“Il mondo salvato dalle donne”*, *“La letteratura salvata dalle donne”*, *“Le nostre biblioteche salvate dalle donne”* e *“Le donne, i figli e il ruolo sociale”*.

O título *“Perché le donne non vincono mai”<sup>14</sup>* trata da disputa política entre um homem e uma mulher, sobre as barreiras envolvidas, questionadas e discutidas neste campo, como podemos observar no trecho da referida reportagem:

*“Perché dunque la barriera tra i sessi non è affrontata con la stessa serietà con la quale si è abbattuta quella tra le razze?[...] e infine perché non c'è ancora un modo "giusto”*

---

<sup>14</sup> “Porque as mulheres não vencem nunca”

*per una donna di essere un personaggio pubblico di potere senza essere considerata sapete-bene-che-cosa.”<sup>15</sup>*

O título “*Tutte le donne contro barbablù*<sup>16</sup>” aborda os questionamentos sobre o feminismo, a posição da mulher italiana diante da sociedade, na vida pública e nas profissões, como pode ser visto no trecho:

*“A che è servito il femminismo? A molto ma non tutto, è, di solito, la risposta. E cosa manca, ancora? Risposte frequenti: in primo luogo manca il lavoro [...]“le donne della “nuova generazione del femminismo” sono dotate di grande presunzione ed orgoglio.”<sup>17</sup>”*

“*Il mondo salvato dalle donne*”<sup>18</sup> traz questionamentos da modernização nos dias de hoje, e como tal modernização criou formas de domínio extremo no corpo e na mente, no interesse e na emoção e na sociedade industrial dos indivíduos do mundo atual; e questiona quem são os atores desta reconstrução e quem ocupa o lugar central. Segundo a notícia, as mulheres ocupam este espaço, pois foram e são elas que com todas as dificuldades diante de uma sociedade machista, fazem parte de uma profunda mudança mais cultural que social na sociedade em que vivem. Podemos observar estas afirmações na seguinte passagem da notícia:

---

<sup>15</sup> “Então, por que a barreira entre os sexos não é confrontada com a mesma seriedade que aquela discutida entre as raças? [...] e enfim, por que ainda não tem uma forma “justa” para uma mulher ser um personagem público de poder e sem ser considerada, vocês sabem bem o quê. ””

<sup>16</sup> “Todas as mulheres contra barba azul”

<sup>17</sup> “Para que serviu o feminismo? Muito, mas não tudo, é, realmente, a resposta. E o que ainda falta? Respostas frequentes: em primeiro lugar o trabalho [...] as mulheres da “nova geração do feminismo” são dotadas de grande presunção e orgulho”.

<sup>18</sup> “O mundo salvo pelas mulheres”

*“Perché scegliere le donne come figura centrale della nostra società quando le disuguaglianze crescono, la violenza diversità, innovazione e tradizione? [...] Le donne, oggi, hanno, rispetto agli uomini, una capacità maggiore di comportarsi come soggetti.”<sup>19</sup>”*

*“La letteratura salvata dalle donne”<sup>20</sup>* discorre sobre as novas narrativas italianas escritas por novas escritoras italianas na contemporaneidade e diz, ainda, que a maioria das literaturas eram escritas por escritores homens. Na reportagem, a colunista aborda também como grandes escritoras influenciaram-na nas leituras de velhas narrativas contemporâneas e como a mulher pode ser considerada uma salvadora da literatura. Vejamos uma passagem da referida notícia:

*“cosa e dove sia la nuova narrativa italiana, sia giusto porla a una scrittrice: la quale in primo luogo aspira a farne parte”<sup>21</sup>”*.

*“Le nostre biblioteche salvate dalle donne”<sup>22</sup>“* mostra como na Itália há grandes bibliotecas e um grande acervo, porém o seu sistema bibliotecário é muito complexo. No entanto, a notícia revela que quem frequenta mais este lugar tão grandioso são as mulheres, e mostra ainda que as mais frequentadoras deste poderoso ambiente cultural são as mulheres do Norte da Itália que as mulheres do Sul, mas o que realmente é apresentado na notícia é

---

<sup>19</sup> “Por que escolher as mulheres como figura central da nossa sociedade quando as desigualdades crescem, a violência na diversidade e tradições? [...] As mulheres, hoje, tem, respeito dos homens, uma capacidade maior de se comportar como sujeitos.”

<sup>20</sup> “A literatura salva pelas mulheres”

<sup>21</sup> “O que e onde esteja a nova narrativa italiana, seja justo colocá-la a uma escritora: a qual, em primeiro lugar, aspira a fazer parte.”

<sup>22</sup> “As nossas bibliotecas salvas pelas mulheres”

de que as mulheres são consideradas salvadoras por conviver nesta atmosfera.

Observemos um trecho:

*“Donna. Giovanissima. Settentrionale. È l' identikit di chi frequenta più assiduamente le biblioteche italiane, quello di un' eroina solitaria in un paese che conserva i migliori primati in fatto di scarsi consumi culturali [...] Le biblioteche sono uno dei principali indicatori della cultura diffusa di un paese<sup>23</sup>”.*

“*Le donne, i figli e il ruolo sociale*<sup>24</sup>” discute o papel da mulher em contrapartida com papel dos homens na sociedade em que eles vivem, no que diz respeito as diferenças sociais, culturais e sexuais. Vejamos o respectivo trecho:

*“che significa essere "uomo" o "donna"? Cosa caratterizza veramente l' identità sessuale e di genere di ognuno di noi? [...] Per garantire l' uguaglianza tra gli uomini e le donne non c' è bisogno di cancellare ogni differenza sessuale, esattamente come per permettere alle donne di salvaguardare la propria femminilità non c' è bisogno di ricorrere a dei criteri puramente biologici che ne "essenzializzano" il ruolo sociale.<sup>25</sup>”*

É interessante salientar, que a linguagem destes títulos não é apenas ligada a razões estruturais, mas também ligada por razões sociais, históricas e

<sup>23</sup> “Mulher. Juveníssima. Setentrional. É a característica de quem frequenta mais assiduamente as bibliotecas italianas, aquele de uma heroína solitária em um país que conserva os melhores primados, de fato, consumos raros culturais [...] As bibliotecas são um dos principais indicadores da cultura divulgada de um país”

<sup>24</sup> “As mulheres, os filhos e o papel social”

<sup>25</sup> “o que significa ser “homem” ou “mulher”? O que caracteriza verdadeiramente a identidade sexual e de gênero de cada um de nós? [...] Para garantir a igualdade entre os homens e as mulheres não há necessidade de cancelar cada diferença sexual, exatamente como para permitir as mulheres de resguardar a própria feminilidade não há necessidade de recorrer a critérios puramente biológicos que essencializam o papel social.”

políticas, como mencionei no presente estudo. Logo, pode-se dizer que estas mulheres não estão apenas voltadas contra alguma coisa ou que perdem algo, mas também mulheres que podem salvar, criticar e questionar os embates do cotidiano na sociedade em que vivem.

Nos títulos “*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e potere*”, “*Le donne dell’islam*”, “*Le donne svestite dell’Italia Déco*”, “*Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave*” e “*Profumo di donne ‘L’Italia divisa tra madri e figlie’*” observaremos como sempre o léxico mulheres (*donne*) aparece em foco e também outras culturas e literaturas descritas na notícias.

A notícia “*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e Potere*<sup>26</sup>” vem a informar sobre a divulgação de um livro que trata da relação de um rei que possui um poder supremo e pode ter várias mulheres submissas que o cercam como se ele estivesse em um harém. Notemos o seguinte trecho:

*“L’ ultimo grande amore di Re Sole sarebbe stato per una bambina, Maria Adelaide, figlia del duca Vittorio Amedeo di Savoia, che era arrivata a Versailles nel 1696”<sup>27</sup>.*

A notícia “*Le donne dell’islam*” aborda a divulgação de um livro sobre mulheres muçulmanas de caráter forte na atualidade, que vivem na Europa,

---

<sup>26</sup> “O harém do Rei Sol mulheres, sedução amor e poder”

<sup>27</sup> “O último grande amor do Rei Sol teria sido por uma menina, Maria Adelaide, filha do duque Vittorio Amedeo de Savoia, que tinha chegado a Versailles em 1696.”

porém estão inseridas nos conflitos entre o Islã e o Ocidente. Vejamos a notícia através do seguinte trecho:

*“Nel suo libro l' amore passa anche attraverso una galleria di donne molto forti. Sono molto diverse dall' immagine della donna musulmana che prevale in Europa.”<sup>28</sup>*

*“Le donne svestite dell'Italia Déco<sup>29</sup>”* trata de um movimento artístico na Itália do Novecentos que envolve a figura da mulher em formas geométricas cubistas e futuristas, logo podemos observar tal informação no respectivo trecho:

*“Ci sono ritratti di donne che emergono da sfaccettate geometrie cubiste o da saltellanti balletti futuristi<sup>30</sup>.”*

*“Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave<sup>31</sup>”* é uma notícia que apresenta o jovem escritor Gustave Flaubert e suas obras que envolvem as viagens, os tormentos e as mulheres.

*“Profumo di donne ‘L'Italia divisa tra madri e figlie<sup>32</sup>’”* é uma notícia que trata da adaptação de uma peça teatral para o cinema. É a história da relação entre oito mulheres (mães e filhas) que trocam confidências numa tarde de quinta-feira, na década de 60. Observemos o trecho:

---

<sup>28</sup> “No seu livro o amor passa também através de uma galeria de mulheres muito fortes. São muito diferentes da imagem da mulher muçulmana que prevalece na Europa.”

<sup>29</sup> “As mulheres despidas pela Itália Déco”

<sup>30</sup> “Existem retratos de mulheres que emergem de lapidadas geometrias cubistas ou de saltitantes balés futuristas.”

<sup>31</sup> “As mulheres, as viagens, os tormentos no mundo do Jovem Gustave.”

<sup>32</sup> “Perfume de mulheres ‘A Itália dividida entre mães e filhas’”

*“Perché questa osservazione ravvicinata dell'essere donna attraverso tutte le sfumature incarnate dal quartetto del passato, rispecchiate nel futuro delle figlie?”<sup>33</sup>*

Após a apresentação do corpus escolhido para a presente pesquisa, retomo o discurso apresentado no cap. 2.1 para analisar os títulos mencionados anteriormente, porque compreendo que a cultura socializa os indivíduos, ela será o resultado na constituição cognitiva das práticas sociais, não devendo ser analisado apenas cientificamente, mas também de cunho interpretativo porque através desses discursos podemos ver as culturas de formas diferentes, de representar e construir o mundo.

Os dados desta pesquisa foram sequenciados de forma cronológica como citei anteriormente. Logo, começarei pelo título *“Perché le donne non vincono mai”* (Por que as mulheres não vencem nunca); este título é de 09 de janeiro de 2008, contém a palavra mulheres (*donne*), no entanto, não sabemos se tal título pode ser considerado uma afirmação ou uma pergunta, pois não apresenta o sinal interrogativo de pontuação. Isto nos leva a pensar a uma explicação de como as mulheres não vencem nunca em alguma determinada situação ou fazer a leitura do título como se estivesse o sinal de interrogação

---

<sup>33</sup> “Por que esta observação reaproximada de ser mulher através de todas as nuances encarnadas no quarteto do passado, espelhadas no futuro das filhas?”

do porquê elas não vencem nunca. Assim, este título, condicionado ao estilo verbal, nos leva a considerá-lo de certa forma ambíguo.

“*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e potere*” (O harém do Rei Sol mulheres, sedução amor e poder) foi publicado em 25 de janeiro de 2008 é um título dependente ao estilo nominal, muito usado nos jornais para aumentar a velocidade do ritmo de leitura, inovar e sair do sistema “tradicional” jornalístico. Para fazer deste título um discurso direto o jornalista recorre ao não uso do sinal de dois pontos depois do substantivo “*Sole*”, pois segundo Garavelli (2003): “*l’eccessiva frantumazione sintattica obbliga il lettore a un continuo defatigante lavoro di ristrutturazione delle frasi spezzettate.*”<sup>34</sup>”

“*Le donne dell’islam*” (As mulheres do islã) teve a sua publicação no dia 20 de setembro de 2008 é um título breve, busca trazer uma comunicação mais direta com o seu leitor. Utiliza o artigo definido feminino plural “as” (em italiano “*le*”) para dizer que são apenas “As mulheres do islã”, porém não será tão alusivo ao leitor. Assim, esta forma de discurso é muito presente em títulos jornalísticos para dar um aspecto de veracidade e de construção do imediato.

“*Tutte le donne contro barbablù*” (Todas as mulheres contra barba azul) é uma notícia do dia 30 de setembro de 2008 apresenta também um título

---

<sup>34</sup> “a excessiva quebra sintática obriga o leitor a um contínuo e cansativo trabalho de reestruturação de frases despedaçadas.”

curto e nominal, porém as mulheres, neste caso, não são definidas, pois o pronome indefinido “todas” (em italiano “*tutte*”) se abrange a várias mulheres, mesmo o artigo definido (“*le*”) vindo antes do substantivo (“*donne*”). Compreendo, então, que a atual escrita jornalística pode ser considerada um pouco mais clara e simples que no passado porque segundo Dardano (1986), “Nella storia del giornale in epoca repubblicana,[...]una significativa modernizzazione linguistica si avverte nella seconda metà degli anni '70.”<sup>35</sup> Todavia alguns teóricos afirmam que os jornais tradicionais perdem um pouco, às vezes, o papel detentor da “verdade” de informação quando fazem o uso deste recurso como afirma Ilaria Bonomi sobre a linguagem jornalística (2002, p. 52): “troppo poco solida [...] per rappresentare un valido e convincente strumento di comunicazione scritta.”<sup>36</sup>

No título “*Le donne svestite dell'Italia Déco*” (As mulheres despidas pela Itália Déco) do dia 09 de fevereiro de 2009 podemos observar uma fórmula fixa, nominal e mais uma vez o artigo feminino plural vem definindo quem são as mulheres que serão protagonizadas nas notícias, como foi visto nos artigos “*Perché le donne non vincono mai*”, “*Le donne dell'islam*” e como veremos nos artigos “*Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave*” e “*Le donne, i figli e il ruolo sociale*”.

---

<sup>35</sup> “Na história do jornal em época republicana, [...] uma significativa modernização linguística se fez saber na segunda metade dos anos 70.”

<sup>36</sup> “muito pouco sólida [...] para representar um válido e convincente instrumento de comunicação escrita.”

“*Profumo di donne ‘L’Italia divisa tra madri e figlie’*” (Perfume de mulheres ‘A Itália dividida entre mães e filhas) é um título jornalístico condicionado ao estilo nominal, não encontramos o sinal de dois pontos para enunciar o que foi dito anteriormente, como no título “*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e potere*”. Outra característica que podemos encontrar nos títulos jornalísticos são as metáforas, e isso pode ser verificado neste título em que as mulheres são comparadas a perfumes. Segundo Balboni (2000, p. 50), os profissionais recorrem a esta figura de linguagem e este recurso será,

“... per tutte le scienze che continuano a creare termini, ma soprattutto per l’economia e la tecnologia, che conoscono un’innovazione superiore a quella di altre scienze.<sup>37</sup>”.

“*Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave*” (As mulheres, as viagens, os tormentos no mundo do Jovem Gustave) é uma publicação do dia 17 de abril de 2009 trata diretamente e especificamente das mulheres do Jovem Gustave. Podemos dizer que este título pode ser considerado de certa forma catafórico, pois este, talvez pudesse ser compreendido apenas para aqueles leitores que tivessem um conhecimento prévio do assunto abordado. No entanto, vale lembrar que a linguagem jornalística deve buscar ser acessível para todo e qualquer tipo de público,

---

<sup>37</sup> “... para todas as ciências que continuam a criar termos, mas, sobretudo para a economia e a tecnologia, que conhecem como uma inovação superior daquelas que pertencem a outras ciências.”

buscando não só dialogar com a notícia em si, mas também com o seu leitor. Tal noção nos leva a compreender as palavras de De Benedetti (2004), quando afirma que: *“Piú titoli dialogano tra loro nella stessa pagina o rinviano esplicitamente a immagini e approfondimenti.”*<sup>38</sup>.

*“Il mondo salvato dalle donne”* (O mundo salvo pelas mulheres) do dia 22 de abril de 2009 é um título com estilo nominal e desenvolvido de forma descritiva. Neste caso, podemos notar que ele se encontra sintetizado em apenas cinco palavras buscando ter o senso da notícia por inteiro para buscar alcançar o maior número de leitores possíveis. É importante notar neste título que a notícia forma um todo autônomo, porém com certa ambiguidade, pois o leitor precisa recorrer ao texto para saber, de fato, qual é o mundo que é salvo pelas mulheres, assim, podemos considerá-lo de certa forma enigmático para despertar a curiosidade do leitor. Tais afirmações nos levam a compreender as considerações de Serianni (2003) sobre a escrita jornalística, *“giocare su una tastiera espressiva più ampia di quella abituale.”*<sup>39</sup>, ou seja, o autor do texto quer “brincar” / “jogar” com o léxico, buscando sair um pouco do estilo tradicional jornalístico.

*“La letteratura salvata dalle donne”* (A literatura salva pelas mulheres) foi publicado em 10 de julho de 2009 possui uma estrutura sintagmática bem

---

<sup>38</sup> “Mais títulos dialogam entre si na mesma página ou reenviam explicitamente a imagens ou a aprofundamentos.”

<sup>39</sup> “jogar com palavras expressivas, mais amplas daquela habitual.”

parecida com o título que foi analisado anteriormente – nominal e descritiva, porém, aqui, o que é salvo pelas mulheres será a literatura. Este título tem uma linguagem figurada, rica de traslados e figurativamente retórica, ou seja, não foi usada com excessiva leveza, mas usada de forma consciente para conferir expressividade e alcançar o público.

“*Le donne, i figli e il ruolo sociale*” (As mulheres, os filhos e o papel social) teve sua publicação no dia 18 de agosto de 2009. É um título nominal, breve, sem metáforas e que procurou determinar, também, através do artigo definido, descrever a relação das mulheres com seus filhos e o seu papel na sociedade. Este título e os outros da referente pesquisa procuram desenvolver e trabalhar a atividade interpretativa de cada leitor. O título quer mostrar a realidade social da mulher italiana já na forma enunciativa, induzindo ao leitor a se aprofundar na notícia na íntegra.

“*Le nostre biblioteche salvata dalle donne*” é uma notícia que foi publicada em 22 de agosto de 2009 e que possui a sua estrutura bem parecida com dois outros títulos (nominal e descritiva): “*Il mondo salvato dalle donne*” e “*La letteratura salvata dalle donne*”, contudo, neste título o que será salvo pelas mulheres são as bibliotecas, mas o que vai diferenciá-lo dos outros títulos é o pronome possessivo “nossas” (em italiano “*nostre*”). O jornalista

procura enfatizar e esclarecer através deste pronome, que são as bibliotecas de seu país (da Itália).

Retomando a opinião de Cardoso (cf. cap. 3), estes discursos aqui apresentados proporcionam um conjunto de ideias, apresentam sentido ao discurso midiático e buscam apreender interesses ideológicos e éticos para uma possível construção de identidade feminina na mídia italiana, visando assim, pluralizar os seus respectivos receptores em crenças e visões de materiais simbólicos ali representados.

Assim, podemos afirmar que os títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica* analisados funcionam como catalizadores de atenção, como verdadeiros anunciadores para chamar a atenção dos leitores, pois possuem uma forma precisa e singular de enunciar a informação. Então, podemos proferir que o jornal dá formas e significados aos seus títulos e isto pode ter consequência no comportamento humano, pois os símbolos ali representados e as convenções da língua e das diferentes formas de linguagem atuam em uma percepção, interpretação e ações diferentes nos confrontos da realidade de cada indivíduo.

A comunicação e relação social estão intrínsecas na mídia, pois há uma relação de poder, e todo poder engendra a construção de materiais simbólicos, agrupa estruturas de produção e a própria manutenção de poder. Então, seria

válido articular que os jornalistas do respectivo caderno (de cultura), podem de certa maneira vir a influenciar as suas escolhas lexicais no momento da construção de seus títulos (por mais que estes sejam neutros) de acordo com os seus desígnios políticos, sociais e sexuais; e no que concerne a esta coluna, a maioria dos autores deste caderno de cultura é do sexo feminino.

Vimos em cada título um processo de interpretação da informação ali veiculada, cabendo ao jornalista de cada notícia, envolver os leitores com as palavras “certas”, isto é, utilizando a sua criatividade lexical através de metáforas, jogos de palavras, neologismos e a não utilização de alguns sinais de pontuação (como foi visto nos títulos: “*L’harem del Re Sole donne, seduzione amore e potere*” e “*Profumo di donne ‘L’Italia divisa tra madri e figlie*” – ausência do sinal de dois pontos para explicar um enunciado).

Como por exemplo, a palavra mulheres (*donne*); em cada título ela pode ser interpretada de uma maneira diferente. Em “*Le donne svestite dell’Italia Déco*” as mulheres aqui não estão despidas, elas são sim retratadas através da arte Decó; nos títulos “*Il mondo salvato dalle donne*”, “*La letteratura salvata dalle donne*” e “*Le nostre biblioteche salvata dalle donne*” as mulheres podem ser construídas como heroínas do mundo, da literatura e de bibliotecas; no título “*Tutte le donne contro barbablù*” nos leva a compreender uma união das mulheres para combater um possível “inimigo”.

Apresentando tais informações sobre esses discursos midiáticos, seria um erro pensar que neles encontraríamos qualquer tipo de informação que não estivesse de acordo com o texto corrido, eles podem ser compreendidos de forma dual, pois eles cada vez mais tecnologizados e giram entorno na construção e na performance de identidades (cf. p. 28). Logo, podemos afirmar que estas formas não são fixas porque elas estarão propícias a interpretação de cada ser social.

Julgo necessário explicar que, este tipo de mídia vem a trazer grandes expectativas num mundo social, pois elas criam e manipulam signos que produzem sentidos e constroem a opinião pública e, conseqüentemente, teremos representações de valores que estarão e serão válidos em nossas práticas diárias.

De acordo com a noção de informação, mídia e discurso de Charaudeau (2007), podemos notar que os títulos aqui analisados buscam atingir uma grande quantidade de pessoas e que a meu ver, uma grande quantidade do público feminino, mesmo utilizando recursos descritos como “clichês” (cf. p. 33), para a construção de efeitos de sentidos que estas linguagens nos proporcionam de forma intencional, adequada e plausível a diversas interpretações, como vimos no título “*Perché le donne non vincono mai*” – a intenção da jornalista é construir um efeito de sentido ao invés de representá-

lo, não o apresentando como verdade absoluta, mas como uma representação ideológica da linguagem.

Deste modo, a linguagem nos títulos mencionados não será apenas um aglomerado de palavras girando entorno de uma língua, mas será também uma forma de comunicação entre os seres sociais dentro de suas devidas particularidades. Portanto, concordo com Charaudeau (2007) quando este nos afirma que a informação é pura enunciação, pois ela é vinculada ao campo de conhecimentos e construirá o saber, assim estes dispositivos estarão ligados a uma circunstância de enunciação, já em funcionamento. Assim, reafirmo a ideia de que a linguagem discursiva midiática será tomada de artifícios para que haja pertinência nas informações transmitidas pelos títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica*.

É importante lembrar que a linguagem trabalhada por este meio de comunicação de massa procura ser pertinente aos fatos mostrados, a sua realidade, ao seu espaço simbólico e as suas fragmentações, ou seja, o jornal procura dar uma “imagem” do mundo social e de seus termos éticos para com o seu leitor, como observamos nos títulos: “*Le donne dell’islam*”, “*Le donne, i viaggi, i tormenti nel mondo del Giovane Gustave*” e “*Le donne, i figli e il ruolo sociale*”. Então podemos afirmar, que a linguagem deste cotidiano pode

construir um fenômeno progressivo e relevante nos confrontos da sociedade através da linguagem empregada por ele.

Logo, podemos observar que os títulos analisados do caderno de cultura podem vir a ter possíveis construções de identidade porque são formas de construção de linguagem através do discurso midiático e na contemporaneidade, as identidades sociais estão vinculadas as diferenças, pois cada um constrói seu discurso e vê o discurso alheio diferente.

A figura da mulher italiana pode ser vista e construída sob diferentes perspectivas nos títulos apresentados pelo referente estudo, como: mulheres que buscam uma efetiva representação política, representadas na arte, em outras culturas, na literatura, em confronto com os homens diante de questões socioculturais, o seu papel na sociedade e no mundo. Segundo Semprini (1999), assumir um conceito de identidade sob uma perspectiva multiculturalista gera novos desafios sociais e políticos. Nesses títulos podemos observar visões e perspectivas do multiculturalismo nesta sociedade, pois a mulher pode ser vista dentro de grupos sociopolíticos para uma possível redistribuição de poder em seu meio social, no entanto, essas novas perspectivas acabam gerando resistências e conflitos. As mídias contribuem para tal transformação identitária, pois fornecem base ideológica, consolidada e de repetição de determinadas performances identitárias nas realizações de

práticas discursivas – como a palavra mulheres (*donne*) aparece como foco central nos títulos pesquisado.

Portanto, percebemos que a identidade feminina italiana pode ser vista e construída de forma fragmentada porque cada um tem crenças e visões de mundo de forma diferenciada. Logo, vale lembrar, mais uma vez que as identidades sociais são construídas discursivamente, pois elas estão num constante processo de reposicionamento, e, conseqüentemente, não serão fixas visto que estão sujeitas a constantes mudanças.

Assim, como procuramos apresentar neste estudo, as mulheres italianas representam uma ideia de regeneração, de mudanças, de progressos, tornando-se um núcleo fundamental para as questões sociopolíticas de sua sociedade ao longo dos anos (cf. cap. 3.2). Então, essas identidades podem ser consideradas múltiplas, fragmentadas, provisórias, transitórias e inconclusas. Tal afirmação nos faz remeter mais uma vez a Hall (1998, p.38, cf. cap. 3.2), pois segundo o autor, “a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo...”.

## 6 – Conclusão

As alamedas que percorri neste estudo, suscitou em mim um motivo maior para continuar nesta direção, pois muito do que refleti, investiguei e estudei me possibilitou ter novos olhares diante do mundo acadêmico. É intrigante pensar como futuros questionamentos podem vir a ser construídos com novos desafios. Considero esta experiência ímpar e espero que este estudo possa ser um “norte” para outros pesquisadores desenvolverem grandes pesquisas no campo identitário e midiático na área de Letras Neolatinas porque se trata de um trabalho interdisciplinar e movimentada várias áreas do conhecimento.

Principiei este trabalho contando minha experiência pessoal e quais foram as motivações que me levaram a produzir um estudo sobre a construção identitária feminina italiana através do caderno de cultura do jornal *online La Repubblica*. Sou leitora do jornal analisado desde a época em que morei por alguns meses na Itália, assim, tal fato contribui muito para que eu pudesse começar a fazer questionamentos e iniciar o presente estudo. O caminho em que percorri foi muito importante porque me proporcionou um grande crescimento acadêmico e por se tratar da questão identitária feminina.

O desenvolvimento desta pesquisa foi pautado pelos novos questionamentos presentes na contemporaneidade como oposição, desequilíbrio, diferenças e diversidade. Para ampliar este estudo, baseie-me em renomados teóricos como Moita Lopes (2002), Bauman (2005) que questionam as noções de identidade e Charaudeau (2007) que trata das questões sobre informação, mídia e discurso.

No presente trabalho defendi a ideia de que a imutabilidade pode ser colocada em questionamento porque através de quebras de paradigmas e novos modelos de vida podem ser instaurados numa nova modernidade plural e diversificada, pois vivemos num mundo “marcado” sob o olhar das diferenças e pluralidade.

Defendi também que a visão multicultural vem a movimentar novas e diferentes visões de fenômenos naturalizados de gênero, raça e sexualidade para desconstruir a prática monocultural, pois vivemos num mundo multicultural. E tal epistemologia compreende o processo de construção da figura feminina italiana no que concerne, em especial, a questão do gênero no presente estudo.

A mídia tem um papel fundamental nesses novos questionamentos porque os seus discursos vêm a nos apresentar novos conceitos econômicos, sociais e novas ideias, causando assim, desestabilização, determinando novas

formas de ver e observar o mundo, refutando estereótipos impregnados historicamente e nos fazendo atentar para novas causas sociais nas nossas práticas diárias como seres sociais.

Todos esses fatos me levaram a fazer uma análise de como os presentes títulos poderiam construir discursivamente a identidade feminina italiana, buscando não apenas *o que é e como é* veiculado por este meio de comunicação, mas quais seriam os possíveis efeitos de sentido que estes poderiam construir tal identidade no contexto apresentado.

Logo, pude observar que as mulheres podem ser construídas e vistas de diferentes formas para seus leitores porque a linguagem midiática é imediata, ideológica, gera poder e subjetividades. Tais discursos apresentados para esta análise me levam a dizer que eles podem estabelecer posicionamentos e que atenderá a interesses específicos, pois os discursos são práticas que nos levam a construção do saber, se constroem socialmente e culturalmente; e a cultura é um instrumento de socialização entre os indivíduos porque ela é a decorrência de representar e construir o mundo e porque não dizer na construção de identidades sociais.

Durante a análise observei que alguns títulos poderiam ser considerados ambíguos por não ter alguns sinais de pontuação, podendo ser compreendidos de forma dupla, mas fazendo a relação com outros títulos pude observar

também que eles se mostram contraditórios no que diz respeito a forma de ver a mulher italiana; deve-se levar isso em conta, pois os discursos midiáticos são propícios a diversas interpretações para cada indivíduo.

A análise procurou mostrar que esses títulos, sejam eles apresentados de forma nominal – típico da linguagem jornalística – ou forma verbal, podem ser levados a múltiplas interpretações. A linguagem jornalística é considerada uma linguagem peculiar, que, no entanto, procura ser acessível sempre ao seu público e cativá-lo de forma que não ultrapasse os limites da ética jornalística.

Obtive tais conclusões de acordo com o arcabouço teórico que eu usei, mas vale ressaltar que se outra pessoa tivesse usado outros teóricos poderiam ter chegado a outras conclusões, mas orientei este trabalho a partir de um compromisso ético-específico voltado para a compreensão do mundo contemporâneo das práticas sociais midiáticas que são desenvolvidas, pois foco o meu trabalho na sociedade.

Este foi um trabalho que realizei com grande satisfação e tentei dar conta do que eu me propus a fazer dentro do prazo, porém este é muito curto e peço desculpas aos leitores por eventuais equívocos, pois acredito que muitos questionamentos podem ainda ser levantados e respondidos. Anseio que outras pessoas se inspirem neste trabalho e que possam desenvolver mais trabalhos voltados para as práticas sociais contemporâneas, e espero também ter

oferecido aos interessados nesta pesquisa uma visão ampla e contundente para novos estudos na área de língua, identidade e discurso midiático.

## 8 – Referências bibliográficas

ANTONELLI, G. *L'italiano nella società della comunicazione*. Bologna, Il Mulino, 2007.

ARCANGELI, M. *Se quella dei quotidiani italiani è una lingua. Con esercizi di riscrittura*, in “Lingua Nostra”. Lxiii, PP.107-121, 2001.

ARAÚJO, I. L. *A noção de discurso em Foucault. In: Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo. Parábola Editorial, 2004, p. 215-244.

BAUMAN, Z. *Ser leve e líquido*. In: *Modernidade Líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

\_\_\_\_\_. *Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

BERRUTO, G. *Sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: La Nuova Italia, 1994.

\_\_\_\_\_. *Prima lezione di sociolinguistica*. Roma: Editori Laterza, 2006.

BONOMI, I. *L'italiano giornalistico. Dall'inizio del '900 ai quotidiani on line*. Firenze, Cesati, 2002.

BUONANNO, M. *Visibilità senza potere: le sorti progressive ma non magnifiche delle donne giornaliste italiane*. Napoli, Liguori, 2005.

CARDOSO, D. *O Jornalismo como (re)produtor de enunciados*. In: Revista Linguagem em (Dis)curso, volume 1, número 2, jan./jun. 2001.

CHARAUDEAU, P. *Discurso das mídias*. São Paulo: Editora Contexto, 2007.

CHOMSKY, N. *Aspects of the theory of Syntax*. Massachusetts: The MIT Press Cambridge, 1965.

COVERI, L., Benucci, A. e Diadori, P. *Le varietà del repertorio linguistico italiano, 2 voll.*, Siena, Università per Stranieri, 1998.

CHOULIARAKI, L. & FAIRCLOUGH, N. *Discourse in late modernity*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1999.

COSTA, M. V. *Sujeitos e subjetividades nas tramas da linguagem e da cultura*. In: CANDAU, V. (org.) *Cultura, linguagem e subjetividade no ensinar e aprender*. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2001, p. 29-45.

DAVIES, C. A. *Observing, participating*. In: \_\_\_\_\_. *Reflexive ethnography: a guide to researching the selves & others*. London: Routledge, 1999. 67 - 93.

DARDANO, M. *Il linguaggio dei giornali italiani*. Roma-Bari, Laterza, 1986.

\_\_\_\_\_ e Trifone, P. *La lingua italiana*. Bolgna: Zanichelli, 1985.

DE BENEDETTI, A. *L'informazione liofilizzata. Uno studio sui titoli di giornale (1992-2003)*. Firenze, Cesati, 2004.

DE MAURO, T. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Laterza, Roma, 1983.

FABRÍCIO, B. F. *Mulheres emocionalmente descontroladas: identidades generificadas na mídia contemporânea*. D.E.L.T.A. 20: 2, 2004, p. 235-263.

\_\_\_\_\_ & MOITA LOPES, L. P. *Discursos e Vertigens: Identidades em xeque em narrativas contemporâneas*. In: Veredas – Revista de Estudos Lingüísticos, v. 6, n. 2, 2004, p. 11-29.

FAIRCLOUGH, N. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Ed. Graal, [1979]1999.

FREUD, S. *Casos Clínicos I (Anna O. e Emmy Von N.)*. Rio de Janeiro: Imago Ed., [1969]1997.

GEERTZ, C. *Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura*. In: *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1989, p. 3-21.

GIOVANARDI, C. *Interpunzione e testualità. Fenomeni innovativi dell'italiano in confronto con altre lingue europee*, in *L'italiano oltre frontiera (V Convegno internazionale, Leuven 22-25 aprile 1998)*, a cura di S. Vanvolsem, D. Vermandere, Y. D'Hulst, F. Musarra, Firenze-Leuven, Cesati-Leuven University Press, 2000, vol. I, pp. 89-107.

GUALDO, R. *L'italiano dei giornali*, Roma, Carocci, 2007.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HOLMES, J. Research and the postmodern condition. In PASCHOAL, M.S.Z. & CELANI, M.A.A. *Linguística Aplicada: da aplicação de lingüística à lingüística*. São Paulo : PUC. S. Paulo, 1992. 37 - 49.

LORENZETTI, L. *Fare un giornale online*, Roma, Audino, 2005.

MARAZZINI, C. *La lingua Italiana. Profilo Storico*. Bologna, Il Mulino, 1994.

MOITA LOPES, L. P. *Identidades Fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

RAFFAELLI, L. *Fra punteggiatura e sintassi: sondaggi sui titoli dei quotidiani*, in *Studi linguistici per Luca Serianni*, a cura di V. Della Valle e P. Trifone. Roma, Salerno Editrice, 2007, pp. 455-68.

RAJAGOPALAN, K. *Por uma lingüística crítica: linguagem, identidade e a questão ética*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ROLNIK, S. *Toxicômanos de identidade: subjetividade em tempo de globalização*. In: LINS, D. *Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades*. Campinas, SP: Papyrus, 1997, p. 19-24.

SABATINI, F. Francesco Sabatini, *L'ipotassi "paratattizzata"*, in *Generi, architetture e forme testuali, Atti del VII convegno SILFI*, a cura di P. D'Achille, Firenze, Cesati, 2004, vol. I, pp. 61-71.

SABBATUCCI, G. & VIDOTTO, V. *Storia D'Italia. Volume: 6 - L'Italia Contemporanea- Dal 1963 a Oggi*. Editori Laterza, 1999.

SANTOS, M. *Por uma outra globalização - do pensamento único à consciência universal*, Record: São Paulo, 2000.

SEMPRINI, A. *Multiculturalismo*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SERIANNI, L. *Il secondo Ottocento*, in *Storia della lingua italiana*, a cura di F. Bruni. Bologna, Il Mulino, 1990.

\_\_\_\_\_. *I giornali scuola di lessico?*, in «Studi Linguistici Italiani», xxix (2003), pp. 261-273.

SIMÕES, T. de O. G. “SOS laboratórios de engenharia genética” – *A construção discursiva da branquitude em uma comunidade do site Orkut*. Dissertação de mestrado no Programa Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Faculdade de Letras, UFRJ. 2009.

TADEU DA SILVA, T. *A produção social da identidade e da diferença*. In: TADEU DA SILVA, T. (org.) *Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 81-102.

THOMPSON, J. B. *A mídia e a modernidade*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

TRANFAGLIA, N. *La lingua dei giornali oggi*, in *Gli italiani e la lingua*, a cura di Franco Lo Piparo e Giovanni Ruffino, Palermo, Sellerio, 2003, pp. 268-272.

VEIGA NETO, A. De geometrias, Currículo e diferenças. *Educação & Sociedade*. Ano XXIII, n. 79, 2002. 163-186.

Sites consultados:

[www.repubblica.it](http://www.repubblica.it)

[www.giornali.it](http://www.giornali.it)

[www.fieg.it](http://www.fieg.it)

[www.lastoriasiamonoi.rai.it](http://www.lastoriasiamonoi.rai.it)

[www.marta-ajo.it](http://www.marta-ajo.it)

[www.lavocedifiore.org](http://www.lavocedifiore.org)

<http://www.lsdmagazine.com/viaggio-nella-lingua-italiana-cosa-significa-identita>

## Anexo I – Os títulos

Os títulos do caderno de cultura do jornal *La Repubblica*.

### **PERCHÉ LE DONNE NON VINCONO MAI**

Repubblica — 09 gennaio 2008 pagina 25 sezione: CULTURA

### **L' HAREM DEL RE SOLE DONNE, SEDUZIONE AMORE E POTERE**

Repubblica — 25 gennaio 2008 pagina 42 sezione: CULTURA

### **LE DONNE DELL' ISLAM**

Repubblica — 20 settembre 2008 pagina 53 sezione: CULTURA

### **TUTTE LE DONNE CONTRO BARBABLÙ**

Repubblica — 30 settembre 2008 pagina 44 sezione: CULTURA

### **LE DONNE SVESTITE DELL' ITALIA DÉCO**

Repubblica — 09 febbraio 2009 pagina 32 sezione: CULTURA

### **PROFUMO DI DONNE 'L' ITALIA DIVISA TRA MADRI E FIGLIE'**

Repubblica — 28 gennaio 2009 pagina 38 sezione: Cultura

### **LE DONNE, I VIAGGI, I TORMENTI NEL MONDO DEL GIOVANE GUSTAVE**

Repubblica — 17 aprile 2009 pagina 51 sezione: CULTURA

### **IL MONDO SALVATO DALLE DONNE**

Repubblica — 22 aprile 2009 pagina 43 sezione: CULTURA

### **LA LETTERATURA SALVATA DALLE DONNE**

Repubblica — 10 luglio 2009 pagina 53 sezione: CULTURA

### **LE DONNE, I FIGLI E IL RUOLO SOCIALE**

Repubblica — 18 agosto 2009 pagina 40 sezione: CULTURA

### **LE NOSTRE BIBLIOTECHE SALVATE DALLE DONNE**

Repubblica — 22 agosto 2009 pagina 41 sezione: CULTURA

## Anexo II – Os títulos com as matérias na íntegra

### **PERCHÉ LE DONNE NON VINCONO MAI**

Repubblica — 09 gennaio 2008 pagina 25 sezione: CULTURA

La donna in questione è diventata avvocato dopo aver trascorso qualche anno come organizzatrice della comunità locale; ha sposato un legale d'impresa ed è madre di due bambine di nove e sei anni. Figlia di madre americana bianca e di padre africano nero - in questo Paese che tiene conto della razza è considerata nera - , è stata in legislatura per otto anni ed è diventata la voce che fa appello all'unità nazionale. Siate schietti: pensate davvero che questo possa essere il curriculum di qualcuno eleggibile al Senato degli Stati Uniti? - Supponendo pure che vi abbia trascorso un mandato, pensate davvero che questa persona potrebbe essere un candidato plausibile per la massima carica della nazione più potente della Terra? Se avete risposto in modo negativo a entrambe le domande, tranquillizzatevi: non siete soli. Con ogni probabilità il genere è la barriera più resistente nella vita americana, sia quando ci si chiede chi debba stare ai fornelli, sia quando ci si chiede chi può andare alla Casa Bianca. Questo Paese è in fondo all'elenco di quelli che eleggono donne e, secondo uno studio, polarizza i ruoli dei sessi più di qualsiasi altra democrazia normale. È per questo motivo che le primarie dell'Iowa seguono di fatto il nostro modo usuale di procedere quando vogliamo cambiare le cose. Gli uomini di colore hanno ricevuto il permesso di votare mezzo secolo prima che le donne di qualsiasi razza potessero infilare una scheda in un'urna, e di solito sono ascisi a posizione di potere - dall'esercito ai consigli di amministrazione - prima di qualsiasi donna (con la sola possibile eccezione di qualche familiare obbediente entrata a far parte dei secondi). Se l'avvocato sopra descritto fosse stato altrettanto carismatico ma si fosse chiamato, per esempio, Achola Obama, invece di Barack Obama, qualcuno le avrebbe messo i bastoni molto, molto tempo fa. In realtà né lei né Hillary Clinton avrebbero potuto sfoggiare in pubblico lo stile di Obama - se è per questo anche di Bill Clinton - senza essere considerate troppo emotive dagli analisti di Washington. Perché dunque la barriera tra i sessi non è affrontata con la stessa serietà con la quale si è abbattuta quella tra le razze? I motivi sono tanto insidiosi quanto l'aria che respiriamo: perché il sessismo è tuttora confuso con la natura del problema, tanto quanto un tempo lo era il razzismo; perché tutto ciò che concerne i maschi è considerato molto più serio di tutto ciò che concerne "soltanto" la metà femminile della razza umana; perché nella maggioranza dei casi sono le donne ad allevare i figli (se vogliamo usare una formula gentile), così che gli uomini finiscono col sentirsi regredire all'infanzia allorché hanno a che fare con una donna potente; perché il razzismo ha stereotipizzato gli uomini neri come più "maschili" per così tanto tempo che alcuni uomini bianchi ritengono che la loro presenza serva a rafforzare la mascolinità (purché, ovviamente, non ce ne siano troppi); e infine perché non c'è ancora un modo "giusto" per una donna di essere un personaggio pubblico di potere senza essere considerata sapete-bene-che-cosa. Detto ciò, non sto esortando a indire una gara per capire chi è il più forte. I sistemi di casta di sesso e razza sono interdipendenti e possono essere radicati soltanto insieme. Ecco perché i senatori Clinton e Obama devono prestare grande attenzione a far sì che un salutare dibattito non si trasformi in quel genere di ostilità che i media adorano. Entrambi per vincere hanno bisogno di una coalizione di outsider. I movimenti abolizionista e delle suffragette fecero progressi quando combatterono uniti, ma ci rimisero prendendo strade diverse. Dovremmo tenerlo bene a mente. Io appoggio Hillary Clinton,

perché al pari di Obama ha avuto esperienza di assistenza alla comunità, ma ha anche trascorso più anni al Senato; ha un training senza precedenti di otto anni sul campo, alla Casa Bianca; non deve dimostrare di essere un vero maschio; con il suo esempio ha tutte le potenzialità di mettere in moto un' enorme riserva di talenti in questo Paese; e infine ha perfino avuto il coraggio di infrangere la legge del "niente lacrime". Non sono contro Obama. Se il candidato dei democratici alla presidenza sarà lui, mi prodigherò volentieri per farlo eleggere. In effetti, se guardiamo a come hanno votato nel biennio trascorso insieme al Senato, ci accorgiamo che nel 90 per cento dei casi e oltre hanno espresso uno stesso identico voto. Senza contare, poi, che per fare piazza pulita del caos lasciato dal presidente Bush, dopotutto potrebbero occorrere due mandati del Presidente Hillary Clinton e altri due del Presidente Barack Obama. A preoccuparmi, però, c' è il fatto che mentre lui è considerato dai suoi sostenitori un soggetto che unisce, lei è considerata dalle altre donne un soggetto che divide. A preoccuparmi è il fatto che mentre lei è stata accusata di "aver giocato la carta del genere" quando ha fatto riferimento al "club degli old boys", lui è stato considerato in grado di aggregare quando ha citato gli scontri per i diritti civili. A preoccuparmi è che gli elettori maschi dell' Iowa sono reputati gender-free (non fanno distinzioni tra i sessi, Ndt) quando appoggiano il loro sesso, mentre le donne elettrici sono stigmatizzate se fanno altrettanto e sono considerate sleali se non lo fanno. A preoccuparmi è che i giornalisti ignorano la dipendenza di Obama dal passato - per esempio, i frequenti paragoni nella sua campagna elettorale a John F. Kennedy, anche se il Senatore Edward Kennedy appoggia e sostiene Hillary Clinton - senza invece mettere in discussione la calunnia secondo la quale la politica progressista di Hillary rientrerebbe nello status quo di Washington. A preoccuparmi è che alcune donne, specialmente le più giovani, sperano di screditare o eludere i sistemi sessuali di casta, e così le donne dell' Iowa sopra i cinquanta e i sessanta anni, che hanno sostenuto in modo sproporzionato la senatrice Clinton, hanno dimostrato ancora una volta che le donne sono un gruppo che invecchiando diventa sempre più radicale. Questo Paese non può più permettersi di scegliere i propri leader in un manipolo di talenti limitati da sesso, razza, soldi, padri potenti, diplomi e pezzi di carta. È giunta l' ora di infrangere con fierezza tutte le barriere. Dobbiamo poter essere in grado di dire: «Io sostengo lei, perché sarà un grande presidente e perché è una donna». © 2008, The New York Times Traduzione di Anna Bissanti - *GLORIA STEINEM*

## L' HAREM DEL RE SOLE DONNE, SEDUZIONE AMORE E POTERE

Repubblica — 25 gennaio 2008 pagina 42 sezione: CULTURA

«Si va all' attacco del cuore di un principe come di una fortezza», scriveva Luigi XIV nelle Istruzioni al Delfino. «Abbandonando il nostro cuore», egli aggiungeva, «bisogna rimanere padroni assoluti della nostra mente. Non appena date a una donna la libertà di parlarvi di cose importanti, è impossibile che non vi faccia cadere in errore». Se Re Sole, sovrano assoluto di uno Stato incentrato sull' autorità patriarcale, sentiva così fortemente la necessità di mettere in guardia suo figlio contro le insidie della seduzione femminile, ciò dipendeva dal fatto che ne conosceva personalmente i rischi. Sentimentale quanto egoista, autoritario quanto galante, sensuale quanto riservato, Luigi XIV, in effetti, aveva sempre privilegiato la compagnia del gentil sesso e ne aveva fatto un elemento irrinunciabile della sua vita affettiva. Ma in una messa in scena della regalità in cui ogni momento della giornata del sovrano, dal lever al coucher, si svolgeva sotto gli occhi dei cortigiani, anche i fatti più intimi della sua esistenza privata assumevano un carattere pubblico e finivano per rivestire un significato politico. Non è dunque sorprendente che, dopo avere attirato l' attenzione dei suoi contemporanei, la sua indefessa attività amorosa continui ad essere oggetto, generazione dopo generazione, non solo dei cultori della *petite histoire*, ma di studiosi e biografi di tutto rispetto. Dopo *Le donne del Re Sole* di Simone Bertière, tradotto in Italia da Piemme nel 2001, a proporci un nuovo, accurato censimento degli Amori di Re Sole. Luigi XIV e le donne (traduzione di Joan Peregalli e Claudia Pierrottet, Mondadori, pagg. 390, euro 20) è oggi Antonia Fraser che, sulla falsariga della Bertière, ingloba nella sua indagine tutte le figure femminili che hanno contato nella vita del sovrano. Per la seconda volta, dopo la sua fortunata Maria Antonietta, la biografa più amata dagli inglesi ha scelto dunque di rivisitare una celebre pagina di storia francese, e lo ha fatto con l' oggettività e la precisione documentaria tipiche della tradizione biografica anglosassone. Sono infatti l' ampiezza e la ricchezza dell' informazione a costituire uno dei punti di forza di questa ricognizione che, a partire dalla relazione affettiva di Luigi XIV con la propria madre, illustra bene le ragioni dell' attrattiva irrinunciabile che le donne esercitarono su di lui per l' intero arco della sua esistenza. L' amore idolatra che Anna d' Austria aveva consacrato a suo figlio ne doveva fare un maschilista implacabile, senz' altra legge che quella del suo desiderio, ma anche un innamorato dai gusti esigenti. Le tre favorite che egli non si sarebbe fatto scrupolo di imporre alla moglie, l' Infanta Maria Teresa, con una disinvoltura da sultano orientale, erano, in effetti tre donne eccezionali, su cui, per altro, già molto è stato scritto. La giovane e incantevole Louise de La Vallière si sarebbe imposta all' immaginario religioso della sua epoca con una conversione clamorosa, espiando il suo peccato d' amore in un convento di clausura. Madame de Montespan, invece, univa a una bellezza eccezionale, un gusto straordinario e uno spirito - l' *esprit Mortemart* - la cui leggenda si sarebbe protratta fino a Proust. Mentre Madame de Maintenon, di una famiglia aristocratica decaduta, vedova di un poeta libertino e ridotta all' indigenza, avrebbe conquistato a tal punto, con la sua intelligenza, la sua cultura, le sue virtù, il sovrano ormai quarantenne da indurlo, una volta rimasto vedovo, a sposarla in segreto. Tuttavia non erano solo le ragioni dell' eros a spingere Re Sole verso il sesso debole. Luigi amava quel profumo di gineceo che aveva respirato da bambino negli appartamenti materni; amava la gaiezza, la delicatezza, la tenerezza che connotavano la cultura aristocratica femminile, e la conversazione delle dame di compagnia di sua madre era stata la sua prima scuola di mondo. E poiché la galanteria era il tratto più irrinunciabile della civiltà mondana, stava a

lui, in qualità di primo gentiluomo del regno, di farsene l' interprete inimitabile, come sarebbe stato costretto ad ammettere lo stesso duca di Saint-Simon, che pure lo detestava. La compagnia della moglie, delle amanti, delle cognate, delle nuore, delle figlie illegittime, delle nipoti, delle pronipoti, che la Fraser ci presenta una ad una, gli offrirono, nel corso della sua lunga vita, un felice diversivo alle sue responsabilità di sovrano. Certo le preoccupazioni non mancavano anche in seno alla sua singolare famiglia allargata, tanto più che le nuove generazioni si andavano rivelando irresponsabili e insubordinate. Ma soprattutto, invecchiando, l' inflessibile patriarca si mostrava sorprendentemente indulgente, a meno che la ragion di Stato non disponesse altrimenti. Non aveva, ad esempio, avuto pietà per la figlia preferita di suo fratello e di Enrichetta d' Inghilterra, che aveva destinato in sposa al ripugnante, squilibrato, sadico Carlo II di Spagna. Al momento del commiato, si era limitato a rispondere alle suppliche disperate di Maria Luisa, per cui aveva sempre mostrato una tenerezza paterna, con un secco: «Addio. Per sempre». L' ultimo grande amore di Re Sole sarebbe stato per una bambina, Maria Adelaide, figlia del duca Vittorio Amedeo di Savoia, che era arrivata a Versailles nel 1696, a soli undici anni per andare in sposa al nipote del sovrano, il duca di Borgogna, figlio primogenito del Delfino. Affettuosa, spontanea, divertente, con l' argento vivo addosso, ma al tempo stesso obbediente e ansiosa di piacere, Maria Adelaide avrebbe portato un raggio di luce negli anni bui della guerra di successione spagnola e aiutato Luigi a sopportare il contraccolpo della scomparsa improvvisa del Delfino. L' anno successivo, tuttavia, nell' inverno del 1712, sarebbero stati lei, suo marito, e il loro figlio maggiore a scendere nella tomba, falciati via da una forma virulenta di morbillo. Di tutte le tragedie che si erano abbattute su Re Sole fu la morte della nipotina a provocargli il dolore più grande perché, scrive la Fraser, il sovrano «l' aveva sicuramente amata più di chiunque altro nella propria vita». Unico superstite della sua famiglia, sarebbe stato il figlio minore di Maria Adelaide a succedere nel 1715, a soli 5 anni, al vecchio monarca. Come il suo illustre avo, Luigi XV avrebbe prediletto la compagnia delle donne ma, sordo alle sue Istruzioni, avrebbe concesso loro «la libertà di parlargli di cose importanti», accumulando - impossibile negarlo! - errori su errori. - *BENEDETTA CRAVERI*

## LE DONNE DELL'ISLAM

Repubblica — 20 settembre 2008 pagina 53 sezione: CULTURA

Fatema Mernissi ama stupire e provocare. La scrittrice marocchina lo ha fatto negli anni, raccontando nei suoi libri la vita negli harem, l'amore del Profeta per le donne e le compagne forti e indipendenti che lo affiancarono, il lento affermarsi delle forme della democrazia nei paesi islamici. Torna a farlo in questi giorni con *Le 51 parole dell'amore*. L'amore nell'Islam dal medioevo al digitale, un saggio uscito nel 1984 e tornato in libreria lo scorso anno in un'edizione aggiornata: il libro è da oggi anche in Italia (Giunti, pagg. 245, euro 12,50, traduzione di Elena Chiti). In un'epoca di paure e contrapposizioni, la Mernissi teorizza che la principale merce d'esportazione dell'Islam deve essere l'amore: non il petrolio e tanto meno la violenza. Davanti agli occhi del lettore sfilava una galleria di donne forti, come Sukayna, nipote del profeta, e Aisha, sua moglie. E, arrivando a oggi, le giovani che cercano risposte su Internet o affollano i canali delle tv satellitari arabe. La Mernissi racconta come seduzione, passione, fedeltà e matrimonio si evolvano nel corso dei secoli, ma restino il cuore della cultura araba. E come le radici dell'amor cortese occidentale affondino nel trattato sull'amore del poeta medievale Ibn Hazm. Signora Mernissi, questo libro torna in libreria a più di 20 anni dalla prima pubblicazione: è ancora di attualità? «Quando mi è stato proposto di aggiornare il volume per portarlo fino all'età digitale, vivevo una fase di profonda depressione. Come tanti amici e colleghi, mi sentivo triste per la tensione fra l'Islam e l'Occidente, per la guerra in Afghanistan e in Iraq. Guardavo all'Europa e anche lì vedevo tristezza e crisi: per la situazione economica, per la paura dell'altro. Allora ho pensato alle mie radici: io vengo da Fes, una città dove la tradizione del sufismo è molto forte. E i sufi dicono che sei depresso devi guardare il tramonto: non c'è senso senza il tramonto, non può esserci un giorno nuovo. Ho prestato attenzione al lato luminoso della situazione e questo libro mi è sembrato il modo migliore per farlo: guardando al mondo arabo è il momento di concentrarsi sull'amore, non sulla violenza. Ho provato a cercare on line del materiale sull'amore: e ho trovato molta roba sul consumismo, non sul sentimento. Forse valeva la pena pubblicare di nuovo un libro che cerca le radici dell'amore nella cultura araba». Nel suo libro l'amore passa anche attraverso una galleria di donne molto forti. Sono molto diverse dall'immagine della donna musulmana che prevale in Europa. Si dice donna e islam e si pensa al velo, alla sottomissione: lei invece racconta di seduzione, di passione, di orgoglio. Dove sono nascoste queste donne oggi? «Non sono nascoste. Siete voi che non riuscite a vederle. Le donne stanno guidando una rivoluzione nel mondo islamico, lo stanno sfidando con l'aiuto dei nuovi mezzi tecnologici, delle televisioni satellitari e di internet. Ma voi in Europa credete che nel mondo musulmano si guardino ancora le vostre tv, mentre 300 milioni di persone sono concentrate sui 500 canali televisivi che hanno a disposizione, nella loro lingua, 24 ore su 24. Chi sono i maggiori beneficiari di questa rivoluzione di cui non sapete nulla? Le donne. Prima lo spazio era diviso: il pubblico per l'uomo, il privato per la donna. Ora questa divisione non c'è più: la sera uomini e donne siedono insieme a casa, davanti alla tv. E chi c'è in tv? Donne. Che ballano, cantano ma anche che producono, dirigono, intervistano: è il potere della comunicazione. Se c'è instabilità nel mondo arabo in questo momento non è a causa del terrorismo, ma perché tutto sta cambiando, è in corso una sfida alle tradizioni. Una sfida femminile per la gran parte: le faccio un esempio su tutte, quello di Giselle Khoury, la giornalista libanese. Suo marito, Samir Kassir, era un intellettuale e un giornalista: è stato ucciso con un'autobomba in Libano tre anni fa. Lei continua ad affrontare tutto e tutti, con

le sue domande ai potenti su Al Arabiya. Trovo che la sua sia una storia importante». Per quale motivo l' Europa e l' Occidente non vedono questa rivoluzione in atto secondo lei? «Perché hanno paura. Parlo soprattutto dei paesi mediterranei: siete così vicini a noi, eppure ci temete così tanto. Pensi solo a come si parla di immigrazione. L' Occidente parla di secolarismo quando si rivolge agli arabi, poi accendiamo la tv e c' è Bush che parla di come Dio influenzi la sua politica, Blair che racconta la sua conversione e Sarkozy davanti al Papa. L' Occidente non trova la sua identità, è confuso dalla crisi economica e da quella dei valori. E si rifugia nella paura: del terrorismo, degli immigrati. Per questo credo che un libro sull' amore nel mondo arabo, sulla seduzione, sulle donne, in questo momento possa avere un significato importante». Lei scrive che l' amore potrebbe diventare la prossima materia di esportazione del mondo arabo, invece del terrorismo o del petrolio. è una provocazione? «Ci credo davvero. Vede, se io passeggiavo su una spiaggia vicino a Rabat, da sola. Se decido di fare il bagno, alla mia età, e con le onde alte~be' , io so che se mi succederà qualcosa uno dei ragazzi della spiaggia verrà in mio soccorso. Perché io, come lui, sono parte della Oumma, della grande comunità dei musulmani nel mondo: una famiglia allargata, chiamiamola così, che è alla base di tutti i nostri pensieri di musulmani. Potrei essere sicura di un tale soccorso se fossi su una spiaggia vicino a New York? Francamente, non lo so. C' è un sentimento comune nell' islam, un senso di comunità, di appartenenza che manca in Occidente: e che sarebbe bello esportare». Ammetterà che negli ultimi anni abbiamo visto anche violenza e terrore nell' islam~ «Gli estremisti hanno perso e hanno perso grazie alla tecnologia, all' islam digitale dei 500 canali di cui parlavo prima. Oggi non si può andare in tv e dire che si vuole uccidere delle persone, perché il pubblico globale si rivolterebbe. Il modello di Bin Laden non è più tale per un mondo islamico dove l' urgenza è essere uniti per affrontare i tanti cambiamenti che stiamo vivendo. Voi questo non lo capite, perché c' è un gap di comunicazione fra Islam e Occidente: solo colmandolo ricominceremo a parlare davvero». Lei ha una visione molto ottimistica: l' amore, le donne~ «Questo è un libro ottimista: chi ha perso sono gli assassini, non l' Islam. Lo dimostrano le donne di cui le ho parlato prima. Lo dimostra la riscoperta delle tradizioni del sufismo, che è la religione dell' amore, non della violenza. E lo dimostra Ibn Hazm: questo poeta e teologo medievale parlava di amore come sentimento e rifiutava i suoi aspetti consumistici. Oggi è molto amato dai giovani musulmani, spero anche voi lo scopriate». - *FRANCESCA CAFERRI* .

## TUTTE LE DONNE CONTRO BARBABLÙ

Repubblica — 30 settembre 2008 pagina 44 sezione: CULTURA

A che è servito il femminismo? A molto ma non tutto, è, di solito, la risposta. E cosa manca, ancora? Risposte frequenti: in primo luogo manca il lavoro. Siamo l'ultimo paese in Europa su questo terreno, anche se le nostre studentesse - in qualunque tipo di studi - in Europa sono fra le prime. E, insieme al lavoro, tutto quello che aiuta le donne a lavorare, come gli asili nido, i trasporti facili, le paghe uguali a lavoro uguale, ecc. E poi? E poi, manca il potere. Pochissime donne lavorano a livelli direttivi: manager, primario, ministro, ambasciatore, banchiere, presidente d'azienda, e così via. E meno che mai - figurarsi~ In Italia~ - presidente del Consiglio o capo dello Stato. Questo sul piano della vita pubblica. Quanto a quella privata, si sa bene che è un disastro. E' una esercitazione maschile alla violenza, omicidio incluso. Lo documenta bene l'ultimo libro dell'associazione Controparola (scrittrici e giornaliste), *Amorosi assassini*, uscito da Laterza ai primi dell'estate. Non per caso continuano a sorgere centri anti-violenza, dove le mogli picchiate possono rifugiarsi. Ma solo una minoranza di donne vi ricorrono. Poche donne denunciano le violenze. Perché? E perché gli uomini sono così violenti? Questa e molte altre intelligenti domande si pone Malamore /Esercizi di resistenza al dolore, il nuovo libro di Concita De Gregorio, che Mondadori manda oggi in libreria (pagg. 169, euro 16). E' un libro eclettico, scritto con passione, davvero "dalla parte delle donne (le "bambine" di Elena Gianini Belotti divenute adulte e consapevoli del grande lavoro che la generazione precedente ha fatto per loro, osserva la stessa autrice). Vi si trova di tutto: cronaca presa dai quotidiani (anche stranieri - spesso *La Vanguardia*) o dai telegiornali, interviste alle donne più disparate, dalla prostituta (che, libera da condizionamenti di qualsiasi genere, rivendica al suo mestiere la funzione di salvafamiglie), alla donna avvocato, alla politica di alto livello, alla psicologa. Miti antichi vengono raccontati ai bambini in versione riveduta e corretta (Circe era solo una donna bellissima e sempre sola, perché tutti l'abbandonavano e così, per trattenere gli uomini, li trasformava in porci e pacifiche belve. Solo, a cercare il pelo nell'uovo, non è chiarissimo perché gli uomini avessero la pessima abitudine di darsela a gambe). C'è la storia di Barbablù "la cui barba probabilmente non era blu, ma di un nero tanto scuro da sembrare blu". Ci sono storie di "malasanità": 23 aghi trovati, con una radiografia, da un medico recalcitrante, nel torace di una donna dalle urine piene di sangue. E c'è anche - molto importante per capire le tesi di questo libro, così ricco da sembrare a volte discontinuo - c'è anche la storia della Rateta, una topolina pretenziosa, con un fiocco sulla coda, che aveva molti pretendenti, dal gallo al cane. Scelse il gatto, sebbene la mettessero in guardia. "Io lo cambierò", afferma lei perentoria. Non aveva fatto in tempo a dirlo, che il gatto se l'era mangiata. Il che pone almeno tre domande. Prima: perché, fra tanti pretendenti, la topolina sceglie proprio il gatto, com'è noto golosissimo di topi? Seconda: è davvero possibile - magari con un po' più di tempo - trasformare, sforzandosi, la natura dei gatti, e farne - che so - degli erbivori? Terza: qual era il piano della topolina? Alla seconda domanda chiunque risponderrebbe "No", salvo esperimenti (per ora non noti) di ingegneria genetica. La risposta alla prima e alla terza sono più difficili. Secondo l'autrice, le donne della "nuova generazione del femminismo" sono dotate di grande presunzione ed orgoglio. Pensano di sapere ormai tutto, e in particolare che la reazione violenta dei maschi che si accaniscono contro di loro, derivi da impotenza e fragilità: si sentono re che il femminismo ha spodestato dal proprio regno. E, invece di accettare l'ormai proclamata "repubblica di eguali", impotenti sul piano della legge, si accaniscono in

vendette personali. Non a caso la maggior parte di violenze e assassini sono commessi o in famiglia (e la madre complice tace), o da "ex": fidanzati, mariti, compagni. Più difficile rispondere alla terza domanda. Certo, si può parlare di condizionamenti culturali a scegliere comunque il matrimonio, a tutt'oggi ancora considerato per molte donne la migliore "sistemazione" nella vita. Condizionamenti che investono la segreta sfera affettiva, e che sono destinati a durare molto a lungo, qualunque diversa realtà la mente, la logica, l'analisi e la riflessione abbiano messo a nudo. Ma, secondo l'autrice, c'è qualcosa di più. C'è un "programma segreto" delle donne, spesso non noto nemmeno a loro, che si finge presunzione ("Io sì che so la verità, e dunque riuscirò a cambiare te che non hai capito niente"), ma che in realtà, sotto sotto, vuole essere fatta oggetto di umiliazioni, violenze, tradimenti, e, al limite, assassini. A suo dire, la topolina voleva in realtà essere mangiata dal gatto. Che si tratti del buon vecchio masochismo femminile, tanto noto a psicologi e psicoanalisti? - *LAURA LILLI*

## LE DONNE SVESTITE DELL' ITALIA DÉCO

Repubblica — 09 febbraio 2009 pagina 32 sezione: CULTURA

ROVIGO Con il titolo lievemente fuorviante di "Déco" si è aperta a Rovigo una mostra che presenta una selezione di opere che testimoniano le vicende dell' arte in Italia tra le due guerre, ed in particolar modo quelle della pittura, (Déco - Arte in Italia 1919-1939 - mostra e catalogo a cura di Dario Matteoni e Francesca Cagianelli - a Palazzo Roverella fino al 28 giugno) L' Art Déco, in effetti, fu altro. Si trattò di un movimento ecumenico e travolgente che penetrò nel tessuto sociale e nell' immaginazione collettiva come forse nessuna moda aveva mai fatto fino ad allora. Influenzato dalla grande arte, dai rivoluzionari cambiamenti sociali del dopoguerra, dal linguaggio nuovissimo del cinema, interessò il quadro della vita quotidiana, il modo di guardare, i sogni e le aspirazioni, l' abbigliamento, la gestualità, perfino l' aspetto fisico di un' intera generazione. Non ci sarebbe stato l' Art Déco, termine inventato peraltro dalla critica quarant' anni dopo, se non ci fossero state le avanguardie, ma non si sarebbe mai diffuso con tanta rapidità se non ci fosse stato il cinema. Mentre il Déco, che ancora non si chiamava così, impazzava nel mondo, l' Italia era attraversata da molte vivaci correnti artistiche che spesso anticipavano e talvolta si richiamavano ai movimenti d' oltralpe. E' questo il percorso, tra opere diversissime di artisti più o meno famosi, quasi una danza il cui filo conduttore è la figura femminile, che traccia la mostra di Rovigo. Alle opulente ninfe di Galileo Chini, ondegianti fra tralci che le ancorano saldamente alla Belle Epoque e all' Art Nouveau, fa seguito una lunga serie di ritratti di mogli di artisti, di nobildonne e attrici, di damine e mannequins, ballerine e anonime modelle che ci portano verso tutte le direzioni che l' arte di quegli anni, e conseguentemente le arti decorative, hanno inseguito. In primo luogo un Orientalismo fortemente segnato dall' estetica dei Ballets Russes e dal gusto giapponese mutuato da Wright, e poi il classicismo belligerante delle dee guerriere di Duilio Cambellotti e quello languido e sensuale delle Veneri di Giò Ponti. Ci sono ritratti di donne che emergono da sfaccettate geometrie cubiste o da saltellanti balletti futuristi. Per non parlare di tutte le possibili varianti di quel «retour à l' ordre» che segnò la pittura europea degli anni Trenta. Questo ricercare, dopo la sconvolgente nascita del cubismo, un nuovo linguaggio che si richiamava ancora all' antico, rivestì in Italia una forte radice rinascimentale. E questo s' intravede in visi di grande dolcezza, quasi da Madonna, in forme e gesti che si compongono in solide masse realistiche, mentre altrove dita e gioielli disegnano esili ed eleganti grafismi. Anche gli oggetti esposti, purtroppo pochi, sembrano avere una qualità al contempo femminile e atavica, caratterizzata da grazia e solidità. E' un percorso segnato da sguardi sottolineati da un trucco ossessivo, da vestiti che talvolta sembrano di metallo e talvolta di sola luce, da bocche severe e mai sorridenti. Un percorso che prende l' avvio dal grande ritratto di Wally Toscanini, letteralmente bardata di perle e d' oro come un idolo orientale, ma morbidissima di pastelli, di velluti e di kohl, per terminare con La Bionbruna di Balla, altrettanto dorata e imperlata, ma dura, sfaccettata e tagliente come un diamante, esposta in una sorta di vetrina, sotto sciabolate di luce riflessa, mentre sbuffa fumo dalle narici come un drago. I due ritratti sono quasi contemporanei, e in effetti rappresentano abbastanza bene i due modelli di donna che l' epoca, e il cinema, proponevano alla immaginazione di un pubblico adorante: la fanciulla misteriosa dagli occhi di gazzella e la strega fascinosa. Norma Shearer e Joan Crawford, tanto per citare due icone internazionali. Sulle pareti di Palazzo Roverella, decine di donne più o meno riconoscibili, più o meno vestite, o anche più o meno plausibili, ci portano per mano in un' affascinante passeggiata che pur non essendo

esaustiva - come potrebbe esserlo - è comunque stimolante. Un nuovo passo per riaffermare l' originalità, la forza e la varietà del mondo artistico italiano del Novecento, alcuni protagonisti del quale, come ad esempio Canegallo, meriterebbero sicuramente di essere meglio conosciuti. - *BARBARA BRIGANTI*

## PROFUMO DI DONNE 'L'ITALIA DIVISA TRA MADRI E FIGLIE'

Repubblica — 28 gennaio 2009 pagina 38 sezione: Cultura

L'adattamento per il cinema di *Due partite* di Cristina Comencini (lunga tournée teatrale, ripresa su RaiDue da "Palcoscenico", pubblicata da Feltrinelli) è una bella impresa. E chi se n'è fatto carico, Enzo Monteleone partito sceneggiatore (Mediterraneo) per affermarsi regista con *Il capo dei capi*, non esita a dichiarare i grandi modelli di cinema teatrale. Il Louis Malle del cecoviano *Vania* sulla 42ma strada. Il meraviglioso *Americani* da Glengarry Glen Ross di Mamet, con quella sfilza di mostri: Jack Lemmon, Al Pacino, Alan Arkin, Alec Baldwin, Kevin Spacey. E *La parola ai giurati* (*Twelve Angry Men*), il classico di Lumet e l'ultima versione di Mikhalkov intitolata *12*. Dibattuta e scartata l'ipotesi di cambiarle titolo, la commedia-film sarà nei cinema a inizio marzo. Si tratta di otto personaggi femminili. Quattro madri borghesi degli anni 60 che si riuniscono ogni giovedì pomeriggio nell'appartamento di una di loro per giocare a carte e scambiarsi confidenze. E le loro quattro figlie che, diventate donne, si ritrovano un giorno di trent'anni dopo nello stesso appartamento dopo il funerale di una delle quattro madri. Sul palcoscenico le stesse quattro attrici rivestivano il doppio ruolo di madre e figlia nei due tempi della pièce. Qui, rispettando la struttura a due tempi equivalenti, restano Margherita Buy, Isabella Ferrari, Marina Massironi come mamme, integrate da Paola Cortellesi che sostituisce Valeria Milillo, passata tra le figlie con Carolina Crescentini, Claudia Pandolfi e Alba Rohrwacher. Una bella sfida. Quella registica (e di montaggio: Cecilia Zanuso) di un film intero nello stesso ambiente. E Monteleone confessa di essersi posto il problema fino al punto di girare alcuni "inserti" esterni per accorgersi, paradossalmente rispetto alle preoccupazioni, che avrebbero distratto, spezzato la concentrazione, e decidere di rinunciarvi. Bella impresa condivisa con fotografia, scenografia e costumi (Daniele Nannuzzi, Paola Comencini, Marina Roberti) quella di rivisitare colori, trucco, moda, acconciature femminili di ieri e metterli a contrasto con quelli di tre decenni dopo. Che, parallelamente al tappeto sonoro affidato alla voce di Mina (è l'uomo per me, Un anno d'amore, Se telefonando) e a ciò che la sua figura ha rappresentato esteticamente e come modello di comportamento, non è stato un esercizio di citazione feticista - per quanto potente sia la suggestione del look femminile di quell'epoca, nella sua schiacciante superiorità sul grigiore del dopo - ma il veicolo per raccontare otto donne. La donna (italiana) da un'epoca a un'altra. Infine bella sfida per il regista-uomo quella di un set solo femminile. Sulla scelta di raddoppiare le interpreti. «Non ho avuto dubbi. A teatro ci credi, accetti la convenzione. Al cinema no, il cinema richiede maggior realismo. La scelta ha dato a me la possibilità di misurarmi con otto tra le migliori attrici del momento e a loro, in particolare le giovani, di provarsi con ruoli così interessanti. Così si crea anche il gioco di capire chi è figlia di chi. Si crea un movimento più adatto al cinema, di maggior adesione al vero». Al di là del valore tecnico e professionale dell'esperienza, perché questa materia? Perché questa osservazione ravvicinata dell'essere donna attraverso tutte le sfumature incarnate dal quartetto del passato, rispecchiate nel futuro delle figlie? «Può sembrare assurdo che l'abbia fatto io: uomo, e identificato con storie maschili. Rispondo che proprio per questo mi ha attratto tanto. Mi erano piaciuti spettacolo e testo, le quattro attrici e il confronto generazionale. È stato forte il dubbio se dovessi "portare fuori" la storia. Far vedere i personaggi di cui si parla (mariti, compagni, amanti) senza mai vederli. E mi sono risposto che non dovevo. Che il testo andava

rispettato, secondo la lezione dei grandi film teatrali del passato. Valorizzando le performance delle attrici. Il mio compito era di dare scioltezza e movimento, catturando nei primi piani ciò che nel totale teatrale si perde, rubando occhiate, dettagli, piccoli gesti e reazioni, ma tenendo in primo piano il valore del testo e delle interpretazioni». Nel passaggio si verifica qualche spostamento. Era Margherita Buy la donna sofisticata e scettica, l'ingresso di Paola Cortellesi attribuisce a lei, esasperando il disincanto e il cinismo del personaggio (ma rendendolo più aggressivo e meno vinto di come lo rendeva a teatro Valeria Milillo), lo stesso compito. «Ho fatto delle prove su donne che non erano state a teatro. Ovvio che è un testo soprattutto rivolto a loro. Quelle fino a trent'anni ridono molto sulla parte delle madri, quelle dai quaranta in su si commuovono e alla fine, sul passaggio del testimone tra la madre Ferrari e la figlia Rohrwacher, escono in lacrime». Monteleone sta lavorando con Domenico Starnone a una miniserie dall'inchiesta di Giovanni Maria Bellu *I fantasmi di Portopalo* sul tragico naufragio del Natale '96 di trecento clandestini nel Canale di Sicilia: per Sky, che conferma il suo impegno nella fiction. - *PAOLO D'AGOSTINI*

## LE DONNE, I VIAGGI, I TORMENTI NEL MONDO DEL GIOVANE GUSTAVE

Repubblica — 17 aprile 2009 pagina 51 sezione: CULTURA

Come si narra nella parte conclusiva di *Viaggio in Oriente*, Flaubert nell'ottobre del 1850 fece il suo ingresso a Istanbul accompagnato dall'amico Maxime du Camp, dopo aver visitato Egitto, Libano e Siria. I due amici avevano viaggiato insieme e raccontato insieme le loro peripezie, esperienza che piacque molto a entrambi. Du Camp, rampollo di una famiglia molto ricca, erudito e specialista di letteratura e arte, si dimostrò un amico fidato e devoto, seppur un po' freddo. Sei anni dopo sarebbe stato lui a dividere in episodi *Madame Bovary* per la *Revue de Paris* della quale aveva assunto la direzione. Nel corso dei loro innumerevoli viaggi in lungo e in largo, mentre Du Camp documentava il Medio Oriente scattando le prime fotografie con una sua stravagante macchina fotografica, Flaubert era in pena per se stesso e per il proprio futuro. Era assillato, insomma, dalle proprie preoccupazioni. Problema principale di Flaubert - per meglio dire suo lancinante dolore - era la sifilide che aveva contratto a Beirut. Medicava le proprie lesioni suppuranti e usava farmaci nel tentativo di lenire almeno in parte il dolore, arrovellandosi per cercare di capire se avesse contratto quel malanno da una partner "turca" o cristiana, e parlò diffusamente della questione nelle sue lettere con una nota di sarcasmo. Essendo in viaggio da oltre un anno - anche non tenendo conto della sifilide - Flaubert era spossato e stanco. I capelli avevano iniziato a diradarsi, i denti a dondolare. In più desiderava ardentemente casa sua, sua madre, la vita che conduceva a Rouen. A Istanbul Flaubert rispose a una lettera ricevuta dalla madre, dalla quale venne a conoscenza del matrimonio di un amico e del desiderio materno di sapere se avesse per caso in mente di sposarsi anche lui. Quando da giovane sognavo che un giorno sarei diventato uno scrittore, rileggevo spesso questa lettera datata 15 dicembre 1850, scritta da "Costantinopoli", traendo proprio dalle sue parole eccezionali forza e conforto nelle difficoltà che andavo incontrando mantenendomi da solo e dovendo condurre in Turchia la vita di uno scrittore. Flaubert scrive: «Mi chiedi quando sarà il matrimonio, facendo allusioni all'annuncio di matrimonio di Ernest Chevalier.... Quando? Spero mai». Il giovane aspirante scrittore ventinovenne ricorda poi alla madre i suoi principi, i suoi ideali di vita, sottolineando che è di gran lunga troppo tardi, ormai, per cambiarli. «Anche io mi sono "sistemato", nel senso che ho trovato il mio posto, il mio centro di gravità. Per me il matrimonio sarebbe un'apostasia: il solo pensiero mi terrorizza». Alcune frasi dopo, egli spiega chiaramente la prospettiva che in seguito si sarebbe sviluppata nel pensiero moderno da Nietzsche a Thomas Mann sul rapporto tra arte e vita: «Puoi descrivere il vino, l'amore, le donne e la gloria a condizione di non essere un ubriaccone, un amante, un marito o un soldato semplice di truppa. Se partecipi intensamente alla vita, non la vedi con chiarezza: ne soffri troppo o ne godi troppo». Flaubert scrive a sua madre con la sensazione profonda che l'artista debba essere stravagante, debba condurre una vita fuori dall'ordinario, debba essere per certi aspetti una creatura anomala: «Per tutto ciò, sono rassegnato a vivere come ho vissuto: solo, con una moltitudine di grandi uomini come miei unici amici, e per compagno un orso, il mio orso di stoffa». Rivolge poi alla madre le frasi che io ho rivolto a me stesso prima di compiere trent'anni come Flaubert, frasi nelle quali cercavo di credere con tutto me stesso: «Non mi interessa nulla del mondo, del futuro, di ciò che la gente dirà, di ogni genere di istituzione, e nemmeno della gloria letteraria, che in passato ero solito sognare per notti e notti a occhi aperti supino nel letto». (...) Flaubert ha sviluppato una tecnica speciale, così che la voce narrante del romanzo si accosti quanto più possibile ai pensieri e ai sentimenti interiori dei suoi personaggi. Questa

voce, questa tecnica narrativa, è stata imitata e si è diffusa in Francia e successivamente in tutto il mondo, andando incontro a un riconoscimento positivo da parte degli studiosi di Flaubert piuttosto che dei suoi lettori, ed è nota come "stile indiretto libero". Questo stile narrativo, che Flaubert in realtà sviluppò più che scoprì, non distingue tra i pensieri dei personaggi e i contesti e gli eventi ai quali costoro partecipano. La prosa di tanto in tanto affronta i pensieri intimi e i problemi del protagonista facendo affidamento sul vernacolo di quel personaggio e sulla sua espressione; oltre a ciò, la voce dello scrittore non fornisce al lettore indicazioni quali "lei pensò" o "egli considerò". Le descrizioni dei panorami e dei vari ambienti, come è giusto che sia in un romanzo, rappresentano le condizioni mentali del protagonista sia tramite dettagli descrittivi, sia nella scelta delle parole. In questo modo i lettori percepiscono in modo intimo il mondo e gli eventi descritti, vedono gli ambienti attraverso gli occhi dei protagonisti, come condizionati dalle loro emozioni, le loro preoccupazioni, la loro scelta espressiva. Dopo Jane Austen e Goethe, lo "stile indiretto libero" che Flaubert sviluppò praticò ordinariamente per quanto meticolosamente (tanto che un lettore avrebbe potuto supporre che i sentimenti di Madame Bovary corrispondessero ai pensieri di Flaubert) ebbe una grande influenza e fu felicemente utilizzato in molti Paesi non Occidentali come la Turchia, dove l'arte del romanzo e dell'espressione della narrazione moderna si sono evoluti dopo l'epoca di Flaubert. Questo stile ebbe un ruolo determinante non soltanto nella formazione dell'arte del romanzo in stazione "in ritardo" rispetto ad altri, ma anche nella comparsa e nell'adozione di lingue nazionali tramite la letteratura e, naturalmente, in maniera predominante, grazie al romanzo. Il Flaubert che io amo e ammiro, il Flaubert col quale mi identifico, è questo secondo autore. Un grande scrittore che, nelle ampie trame e nell'ambito del canovaccio del romanzo, scoprì un nuovo modo per entrare - repentinamente, proferendo solo poche parole - nella vita intima dei suoi personaggi. Uno scrittore che poteva accostarsi a questi ultimi con la profonda compassione e l'empatia che esige l'arte del romanzo e che di conseguenza poté in seguito dichiarare, con grande semplicità, "Io sono Madame Bovary!".  
© 2009, Orhan Pamuk - Traduzione di Anna Bissanti.

## IL MONDO SALVATO DALLE DONNE

Repubblica — 22 aprile 2009 pagina 43 sezione: CULTURA

Nelle nostre società invecchiate, indebolite allo stesso tempo addolcite, emerge con forza l'esigenza collettiva di combattere gli effetti negativi della modernizzazione, che ha creato forme di dominio estreme e ha distrutto la natura conquistandola. Noi cerchiamo di ricomporre un'esperienza collettiva e individuale che è stata lacerata. Si tratta di ristabilire una relazione tra i termini che le fasi anteriori della modernizzazione avevano contrapposto gli uni agli altri: il corpo e la mente, l'interesse e l'emozione, l'altro e il medesimo. È questo il grande progetto del mondo attuale, il progetto da cui dipende la nostra sopravvivenza, come ripetono i militanti dell'ecologia politica. Ma chi sono gli attori di questa ricostruzione? Chi occupa il posto centrale che nella società industriale fu degli operai, e, in un passato più lontano, dei mercanti che distrussero il sistema feudale? La mia risposta è che sono le donne a occupare questo posto, perché sono state più di altri vittime della polarizzazione di società che hanno accumulato tutte le risorse nelle mani di un'élite dirigente costituita da uomini bianchi, adulti, padroni o proprietari di ogni specie di reddito e i soli a poter prendere le armi. Le donne sono state considerate allora come nonattori, private di soggettività, definite tramite la loro funzione più che la loro coscienza. Per verificare questa ipotesi, ho ascoltato voci di donne, un modo di procedere poco frequente poiché di solito si parla di vittime ridotte al silenzio piuttosto che desiderose di far ascoltare la propria voce. Il metodo seguito, che deve essere valutato sia per i suoi limiti che per la sua originalità, consiste nel mostrare che la nuova affermazione di sé da parte delle donne è direttamente e profondamente legata al rovesciamento culturale. Questo fa delle donne le attrici sociali più importanti, ma ha come contropartita il fatto che la loro azione non presenta le caratteristiche tipiche dell'azione dei movimenti sociali, fra i quali rientrava, in un passato ancora recente, lo stesso movimento femminista. Coscienza femminile e mutazione sociale non sono più separabili: le donne costituiscono un movimento culturale più che un movimento sociale. Mi viene rimproverato di attribuire un'eccessiva importanza alla coscienza femminile proprio nel momento in cui le lotte femministe avrebbero ormai perso la loro radicalità e la loro visibilità. Perché scegliere le donne come figura centrale della nostra società quando le disuguaglianze crescono, la violenza diversità, innovazione e tradizione? In fin dei conti, coloro che, uomini e donne, rifiutano nel modo più completo il mio modello di approccio, sono proprio quelli che credono che la dimensione del gesi intensificaa livello internazionale ed eserciti e terrorismo si affrontano? Perché non accordare ai grandi dibattiti politici l'importanza che meritano nella misura in cui cercano di tenere insieme unità e nere stia a poco a poco perdendo importanza nella vita sociale. (\*\*\*) Il rovesciamento che ci conduce da una società di conquistatori del mondo a una incentrata sulla costruzione di sé ha portato alla sostituzione della società degli uomini con una società delle donne. Non c'è ragione di pensare che la precedente riduzione delle donne in uno stato di inferiorità lasci ora il posto all'uguaglianza. Le donne, oggi, hanno, rispetto agli uomini, una capacità maggiore di comportarsi come soggetti. Sia perché sono loro a farsi carico dell'ideale storico della ricomposizione del mondo e del superamento dei vecchi dualismi, sia perché mettono più direttamente al centro il proprio corpo, il proprio ruolo di creatrici di vita e la propria sessualità. Per un lungo periodo sono stati gli uomini a determinare il corso della storia e a manifestare una forte coscienza di sé. Ma da alcuni decenni ormai, e per un tempo indeterminato (forse senza una fine prevedibile), siamo entrati in una società e viviamo vite individuali il cui "senso" è sempre più nelle mani, nella

testa e nel sesso delle donne, e sempre meno nelle mani, nella testa e nel sesso degli uomini. Riassumendo: l' importante è scegliere. La categoria delle donne, dato che non si può dare di essa una definizione interamente sociale, deve forse essere considerata più debole di una categoria che ha un significato più specificamente sociale, economico o culturale? O, al contrario, bisogna ritenere che al di sopra dei gruppi sociali reali, dei loro interessi e delle loro forme di azione collettiva è necessario collocare le donne intese come categoria e allo stesso tempo come agenti più di quanto non lo siano gli uomini, perché in grado di mettere in discussione i problemi e gli orientamenti fondamentali della cultura? La prima risposta è stata scelta da molti, in particolare dai marxisti, soprattutto, oggi, dagli uomini e dalle donne che difendono il multiculturalismo. Ovviamente io sono tra quelli che hanno scelto la seconda risposta. L' universalismo, che so essere un attributo centrale della modernità, è sinonimo di difesa dei diritti individuali e dei risultati della scienza. E l' importanza fondamentale del femminismo è che, al di là delle lotte contro la disuguaglianza e l' ingiustizia, ha formulato e difeso i diritti fondamentali di ogni donna, ovvero: il diritto di essere un individuo libero, guidato dai propri stessi orientamenti e dalle proprie capabilities, per usare la formula di Amartya Sen che Paul Ricoeur ha ben tradotto con l' espressione «poter essere». © Librairie Arthème Fayard, 2006 © Il Saggiatore, 2009 Traduzione di Monica Fiorini L' opera è frutto di ricerche sul campo fatte in questi anni: la nostra società è indebolita e solo la coscienza femminile può darle forza IL TESTO che pubblichiamo in questa pagina è tratto dal saggio di Alain Touraine Il mondo è delle donne (il Saggiatore, pagg. 242, euro 20). L' autore, accademico e importante sociologo di formazione marxista, analizza il ruolo delle donne nel mondo globalizzato e l' eredità del femminismo. - ALAIN TOURAINE

## LA LETTERATURA SALVATA DALLE DONNE

Repubblica — 10 luglio 2009 pagina 53 sezione: CULTURA

A domanda rispondo, pur non essendo certa che la domanda, cosa e dove sia la nuova narrativa italiana, sia giusto porla a una scrittrice: la quale in primo luogo aspira a farne parte, e quindi si vede costretta ad autoanalizzarsi, decomporsi in quella serie di categorie che dovrebbero definire l' oggetto, con la speranza di finirci, in una di queste. O corre il rischio, ben peggiore per gli altri, di inventarsi a bella posta un criterio di analisi che la contenga. Inoltre le categorie le deriviamo da processi induttivi, e quindi bisognerebbe aver letto moltissimo, se non tutto. E non è il mio caso. Leggo letteratura italiana contemporanea da pochissimi anni. Prima mi dedicavo quasi esclusivamente alla letteratura straniera, e alla saggistica talvolta. Per un paio d' anni ho lavorato come commessa-libraia in una libreria della catena Feltrinelli, e ricordo che la narrativa contemporanea italiana in classifica ci arrivava poco e a stento. Altra cosa che mi affascinava, quando ero commessa-lettrice, era che la maggior parte dei nostri clienti erano donne. Davvero molte. E la maggior parte dei nostri scrittori erano uomini. Davvero molti. Io, con lo sconto dipendenti, me ne vedevo bene tra i nord americani, dopo aver avuto i sud americani, e prima ancora, come tutti, i francesi e i russi, e prima ancora, come molti, i greci, laddove e quando non ci si stava troppo ad arrovellare sui generi ma si leggeva e basta. Per me sedicenne la nuova narrativa contemporanea era Erri de Luca - sono nata nel 1974-e Rossana Campo che mi faceva ridere assai. Posso piangere immantinentemente se ripenso a certi passaggi di Tu, sanguinosa infanzia di Mari. Trovavo molto sollievo nella vecchia narrativa contemporanea: Morante, Ortese, Arbasino, Busi, non chiedendomi assolutamente quanto fosse vecchia o dove trovasse una sua collocazione. Alcuni racconti di Anna Banti mi lasciavano con i ricci dritti sulla testa per lo spavento. Non ricordo quando è cominciata la nuova narrativa contemporanea, ero distratta a leggere. Forse quando Rosa Matteucci ha scritto Cuore di mamma, due anni fa, che è scalzante e apocalittico, di una cattiveria novissima rispetto al tema, o forse quando Diego de Silva ha scritto Non avevo capito niente, facendosi portavoce popolare del nuovo disagio italiano, ma soprattutto cambiando stile e lingua. Mi rifiuto difatti di pensare che avere già dei titoli in catalogo e i quarant' anni superati escluda dall' essere nuovi narratori. Comunque sia, tutta questa bella carriera di lettrice libera ha avuto il suo colpo di grazia nel momento in cui sono diventata scrittrice, e mi sono posta il problema dei canoni, della lingua, di cosa arrivasse di là, dopo che di qua c' ero stata io a scrivere la pagina. E questo, senza che io lo volessi, ha trasbordato dai miei piccoli e pochi libri per riversarsi sulla letteratura tutta e attaccare e attecchire proprio sul più vicino, il vicinissimo: la nuova narrativa italiana. Si chiama confronto. Quella cosa che si crede superata in quinta elementare, quella pedagogicamente sbagliata. Ma prima del confronto, era essa la diagnosi. Ho cominciato a vedere abilità e furbizia, mestiere o somma bravura, lì dove prima c' erano libri, storie e personaggi soltanto. Con il passare del tempo la situazione è peggiorata: dopo l' esordio, attraversando un bailamme di festival e fiere, incontri e premi, ho cominciato a conoscere di persona gli autori della nuova narrativa italiana. E da lì in poi è diventato un gioco enigmistico: li conosco, so come vivono e dove, le loro vite private. Non riesco più ad attribuire ai personaggi colori di capelli diversi da quelli del suo autore. E non vale l' assunto che Garboli portava per la Morante: di poterla meglio definire proprio perché la conosceva come le sue tasche. Per tanti motivi: il primo che mi viene in mente è che io non sono Garboli, e nessuno dei miei colleghi scrittori è la Morante. Aspetto il grande romanzo contemporaneo da Nicola Lagioia, ma la carica

emotiva che metto in questa affermazione è la stessa di quando dico che mio figlio è un bambino meraviglioso. Può essere vero, ma non ho alcuna autorità per farmi credere, manco un briciolo. Ora, dopo aver "consumato" due terzi dello spazio per la premessa, tento un noiosissimo punto di vista dove mi si deve seguire per quello che affermo e non per quello che ometto: mi sembra di notare che i nuovi autori contemporanei si siano dedicati all' autofiction, che è un sistema generoso di far letteratura, ma consente pochi voli, invenzioni, storie che siano storie come fabulae (Scurati, Covacich, Piccolo, Bajani, Cavina, Genna di Italia de profundis ). E anzi sono belli questi libri, ci si trascorre un bel po' di tempo assieme senza pensare di averlo perduto, questo tempo. Faccio un esempio dai libri di Pascale, rendendo noto un dubbio che gli avevo posto in conversazione privata (non me ne vorrà): l' ultimo libro di Pascale che mi è veramente piaciuto è stato *La manutenzione degli affetti*, lì Caserta non era Caserta e i Nappo erano la proiezione familiare di un mondo. C' era più trasposizione di quanto abbia fatto in seguito: gli altri libri sono degnissimi ma non mi hanno spaccato il petto per lo struggimento. Eppure ogni volta che io apro una sua pagina sento che la potenzialità e la potenza stanno riposando lì sotto da qualche parte. Eppure gli altri libri sono venuti quando anche io già scrivevo e pubblicavo, così che non sono davvero in grado di capire dove si sia verificata la cesura che sento. Mi sembra invece che mantengano quest' obiettivo, quello di trasportarti in altro luogo, farti saltar su dalla seggiola, le scrittrici donne. Hanno una capacità di allontanarsi dall' autofiction per vie traverse e strane, modi per smarrire la realtà nelle pagine: *Strada provinciale tre della Vinci* con la monolitica caparbia della protagonista. Il giorno dell' indipendenza della Muratori con l' inverosimiglianza dell' intreccio. *Senzaterra* della Santangelo con la lingua monumentale e *Accabadora* della Murgia con l' epoca d' ambientazione. Noto ancora, come già Desiati in queste stesse pagine, che non esiste un grande romanzo così come ci spiegarono, a scuola, che erano fatti i grandi romanzi. Ma questo nuovo romanzo contemporaneo che non arriva, poi, preferendo tutti noi i racconti lunghi o i romanzi brevi (al punto che *Lo spazio bianco* spacciato dall' Editore con la mia supina acquiescenza come romanzo, mi pare chiaramente un racconto lungo anch' esso) perché mai dovrebbe arrivare? Mi faccio forte di una considerazione che Berardinelli ha offerto qualche giorno fa su *Il Foglio*. Quando ero una lettrice vera ho preferito i racconti di Buzzati al suo *Amore*, che sollievo scoprire che anche Pirandello ne scriveva, che Verga poteva stordirti in dieci pagine. Mio figlio frequenta una scuola materna che si chiama "Lo cunto de li cunti": ci sarà un motivo, porca miseria. Se uno sente la mancanza de *Le benevole* di Littell si vada a leggere *Le benevole* di Littell, dovesse tremarci il ciglio per *I miserabili*, Esso è lì ancora. E ora basta, torno a leggere. Pardon, che lapsus: volevo dire scrivere. © 2009 Published by Arrangement with Roberto Santachiara Literary Agency - VALERIA PARRELLA

## LE DONNE, I FIGLI E IL RUOLO SOCIALE

Repubblica — 18 agosto 2009 pagina 40 sezione: CULTURA

che significa essere "uomo" o "donna"? Cosa caratterizza veramente l'identità sessuale e di genere di ognuno di noi? Umberto Veronesi ha senz'altro ragione quando spiega, ne *La Repubblica* del 10 agosto, che spetta ormai alla donna "scegliere" e "decidere come conciliare l'impegno sociale con l'impegno procreativo", nonostante gli ostacoli che incontra sul proprio cammino. Appoggiandosi sulla propria esperienza medica, Veronesi parla inoltre della "necessità biologica della donna di procreare e accudire i suoi figli". Ma quando si insiste sulla "necessità biologica della donna di procreare" non c'è forse il rischio di "essenzializzarne" il ruolo? Più in generale, come si può difendere la differenza sessuale e il valore della femminilità senza cadere, da un lato, nella trappola del "riduzionismo" - che fonda la specificità della donna unicamente su dei criteri biologici - e, dall'altro, nella trappola del "costruttivismo" - che pretende di ridurre la differenza dei sessi al semplice frutto di una costruzione sociale e culturale? In altri termini, si può arrivare a difendere l'uguaglianza dei diritti degli uomini e delle donne senza che, per questo, le donne rinuncino alla propria femminilità? L'idea che esistano due "essenze" radicalmente differenti, quella femminile e quella maschile, è vecchia come il mondo ed è servita, per secoli, a giustificare all'interno della civiltà mediterranea la marginalizzazione delle donne: dotate di una natura irrazionale ("uterina") e utili solo alla procreazione e alla gestione della vita domestica, le donne dovevano lasciare gli uomini liberi di occuparsi da soli della "cosa pubblica" e di istituirne le leggi; incapaci di riflettere e di argomentare, le donne dovevano limitarsi a accettare quello che gli uomini decidevano per loro (e per il loro bene), sottomettendosi al volere del *pater familias*. In Italia, si sono dovuti addirittura attendere gli anni Sessanta e Settanta non solo per l'approvazione delle leggi sulla contraccezione e l'aborto, ma anche per l'abrogazione di leggi esplicitamente sessiste, come quella sul matrimonio riparatore, sul delitto d'onore, o ancora sulla penalizzazione dell'adulterio femminile. E, nonostante tutto, le mentalità, gli usi e i costumi anche negli ambienti progressisti tardano a cambiare. Non dimentichiamo che ancora nel marzo del 1979, durante il suo XV congresso, il Pci bocciò l'emendamento che affermava: "Il partito riconosce l'assoluta parità tra uomo e donna in tutti i campi, compreso quello sessuale". Non è un caso che oggi molto resti ancora da fare, soprattutto di fronte al riemergere di alcune forme retrograde di maschilismo che sembrano voler rimettere in discussione le lunghe e difficili battaglie femminili, come Umberto Veronesi richiama giustamente. Non sono tuttavia certa che il miglior modo per opporsi a questo rigurgito di machismo sia quello di appoggiarsi sulla presunta superiorità biologica delle donne, valorizzandone l'attività procreativa. Non solo perché, in questo modo, non si esce dal "riduzionismo essenzialista" tradizionale, ma anche perché, così facendo, si obbliga implicitamente la donna a scegliere tra un'alternativa secca: procreare e accudire i suoi figli o diventare pari all'uomo nei ruoli decisionali. Non per questo, però, sembra opportuno negare l'esistenza di ogni sorta di differenza uomo/donna e erigere "l'indifferenza sessuale" a modello, facendone lo strumento chiave di una società giusta e egualitaria, come sembrano suggerire alcune femministe americane radicali nel corso degli anni Novanta. È proprio nel 1990 che Judith Butler pubblica un famoso libro, *Gender troubles*, in cui, contestando la nozione di "essenza", spiega che ognuno di noi "è" uomo o donna a seconda del ruolo sessuale che gli viene assegnato dalla società. Portando al parossismo le posizioni di Simone de Beauvoir - che aveva già messo in evidenza il ruolo fondamentale giocato dalla società e dall'educazione nel "divenire"

della donna -, Judith Butler sostiene che anche l'identità femminile e maschile (e non solo il loro ruolo) sono il frutto di una costruzione: "il sesso ci viene imposto". La porta si spalanca allora di fronte alla possibilità di negare ogni importanza alle differenze biologiche e, per certi aspetti, al corpo e alla sua realtà, fino all'idea che "tutto sia possibile": essere al tempo stesso uomo "e" donna. Il che conduce paradossalmente - molte altre femministe lo hanno dimostrato - alla perpetuazione dei rapporti di dominazione. Relativizzando, infatti, all'estremo l'importanza delle differenze di sesso e di genere, non si fa altro che incoraggiare l'individualismo contemporaneo e l'indifferenza politica: se si nega l'esistenza di una specificità femminile, come riconoscere e combattere, per esempio, le violenze dirette contro le donne? Per garantire l'uguaglianza tra gli uomini e le donne non c'è bisogno di cancellare ogni differenza sessuale, esattamente come per permettere alle donne di salvaguardare la propria femminilità non c'è bisogno di ricorrere a dei criteri puramente biologici che ne "essenzializzano" il ruolo sociale. Ciò che conta è arrivare a costruire una società in cui l'assoluta parità uomo/donna non sia più rimessa in discussione, né susciti ancora l'ironia di alcuni nostalgici del vecchio ordine patriarcale. - *MICHELA MARZANO*

## LE NOSTRE BIBLIOTECHE SALVATE DALLE DONNE

Repubblica — 22 agosto 2009 pagina 41 sezione: CULTURA

Donna. Giovanissima. Settentrionale. È l'identikit di chi frequenta più assiduamente le biblioteche italiane, quello di un'eroina solitaria in un paese che conserva i migliori primati in fatto di scarsi consumi culturali. E che forse a questi primati tiene molto, visto che, messo alle strette finanziariamente, decide comunque di abbattere la scure sul corpo gracilissimo delle biblioteche: la Nazionale di Roma, la più grande biblioteca che ci sia in Italia, aveva nel 2001 uno stanziamento di 3 milioni di euro, ma nell'ultimo bilancio dello Stato c'è 1 milione e mezzo. Meno servizi possono offrire le biblioteche, meno la gente è invogliata a credere che quello sia un luogo utile o piacevole da frequentare. Di biblioteche, ma su scala mondiale, si discute a Milano dal 23 al 27 agosto in occasione del 75esimo congresso mondiale dell'Ifla, International Federation of Library Associations and Institutions (la principale associazione internazionale dei bibliotecari). Le biblioteche sono uno dei principali indicatori della cultura diffusa di un paese. Il loro numero, il loro stato, la loro dislocazione dicono moltissimo sul benessere complessivo di una collettività. «Tre quarti e più dei comuni italiani sono privi di biblioteche», spiega Tullio De Mauro, linguista e studioso della cultura diffusa. «Se riuscissimo a trasformare la spesa per aprire biblioteche in spesa obbligatoria, otterremmo ottimi risultati: per metà i libri letti nei paesi a più alto sviluppo della lettura, da New York alla Spagna, sono proprio quelli consultati o presi in prestito dalle biblioteche». Il sistema italiano è molto complesso. Ci sono le grandi biblioteche nazionali (Roma, Firenze, Napoli, Venezia), le meravigliose biblioteche di conservazione (a Roma la Casanatense, la Vallicelliana, l'Angelica, ma anche l'Apostolica in Vaticano, l'Ariosteana a Ferrara, la Braidense, l'Ambrosiana, la Trivulziana a Milano), adibite soprattutto a tutelare un patrimonio librario antico e preziosissimo. E poi le biblioteche comunali, provinciali, universitarie, scolastiche. Secondo l'Istituto centrale per il Catalogo Unico (Iccu), le biblioteche in Italia sono 12.400. Ma altri ne contano almeno 15 mila. Solo l'11,7 per cento di italiani, 6 milioni e centomila persone, è andato in una biblioteca almeno una volta nei dodici mesi precedenti il 2007, quando l'Istat ha condotto l'ultima delle sue indagini sulla lettura in Italia. E negli altri paesi? In Gran Bretagna il 58 per cento della popolazione possiede una tessera di biblioteca. In Spagna gli iscritti nel 2006 erano il 23 per cento degli abitanti. In Francia sono il 20 per cento, ma i francesi che sono andati almeno una volta in biblioteca nell'ultimo anno sono il 35. Chi va in biblioteca in Italia? Oltre la metà di quell'11,7 per cento c'è andato per studio o per lavoro. L'abitudine, poi, è abbastanza diffusa fra i più giovani: il 38 per cento dei ragazzi fra gli 11 e i 14 anni, il 34 di quelli fra i 15 e i 17 anni. Dopo i 34 anni, i frequentatori scendono sotto il 10 per cento. Le donne frequentano le biblioteche più degli uomini (13,2 per cento contro 10,1). Le biblioteche sono più frequentate nel Nord est (16,1 per cento), poi nel Nord ovest (13,5) e nel Centro (11,1). Sensibilmente più bassa è la percentuale dei meridionali (7,7) e degli abitanti di Sardegna e Sicilia (9,4). In Trentino Alto-Adige e in Val d'Aosta si va in biblioteca spessissimo (28,8 e 27 per cento). La quota più bassa è in Campania (6,2). Ma qui torna il corto-circuito fra domanda e offerta: le biblioteche sono concentrate al Nord per oltre il 50 per cento, al Centro sono il 20,6, al Sud il 28,6. De Mauro segnala come fra i motivi che i non-lettori hanno indicato quale causa della scarsa dimestichezza con i libri, solo un 3 per cento diceva: non leggo perché non trovo biblioteche. «Vuol dire», chiosa De Mauro, «che non esiste neanche la consapevolezza dell'esistenza di luoghi pubblici dove si possano avere in prestito o leggere libri. D'altronde sono in pochia sapere che prima dei

bombardamenti americani Baghdad offriva più luoghi di lettura pubblica che non Roma». -  
*FRANCESCO ERBANI*

# Livros Grátis

( <http://www.livrosgratis.com.br> )

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)  
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)  
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)  
[Baixar livros de Matemática](#)  
[Baixar livros de Medicina](#)  
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)  
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)  
[Baixar livros de Meteorologia](#)  
[Baixar Monografias e TCC](#)  
[Baixar livros Multidisciplinar](#)  
[Baixar livros de Música](#)  
[Baixar livros de Psicologia](#)  
[Baixar livros de Química](#)  
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)  
[Baixar livros de Serviço Social](#)  
[Baixar livros de Sociologia](#)  
[Baixar livros de Teologia](#)  
[Baixar livros de Trabalho](#)  
[Baixar livros de Turismo](#)